ÓRGÃO CENTRAL
DO
PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS

Director
António Dias Lourenço

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

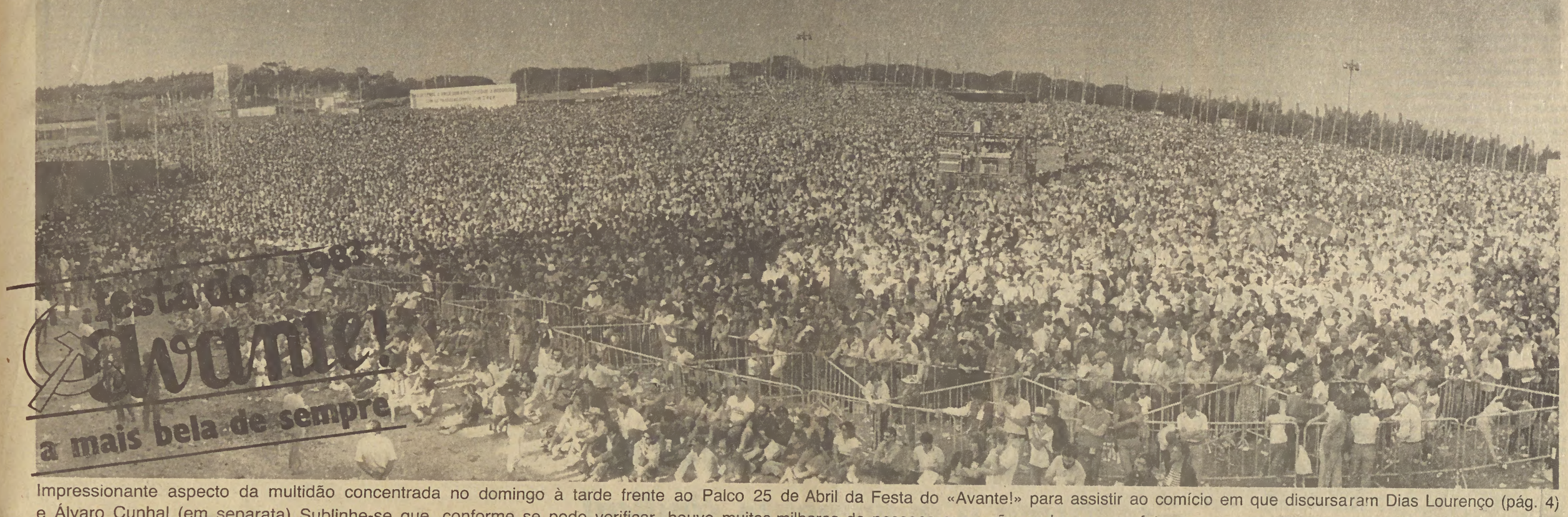
Ano 53 – Série VII – N.º 506
15 de Setembro de 1983

Preço: 20$00

SEMANÁRIO

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. – Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 – Telex 18390 Composição e impressão – Heska Portuguesa Distribuição – *CDL*, R. Santos Dumont, 57-2.º – 1000 Lisboa

TRÊS DIAS INESQUECÍVEIS



Impressionante aspecto da multidão concentrada no domingo à tarde frente ao Palco 25 de Abril da Festa do «Avante!» para assistir ao comício em que discursaram Dias Lourenço (pág. 4) e Álvaro Cunhal (em separata). Sublinhe-se que, conforme se pode verificar, houve muitos milhares de pessoas que «não couberam» na foto, enquanto que, por todo o recinto da Festa, muitos outros milhares seguiam os discursos pela instalação sonora

O grandioso comício da Festa mostra que existem forças para a alternativa democrática

O Discurso da Ajuda

Uma pormenorizada análise da actual situação política, assim como das suas causas e das perspectivas futuras, preencheram a parte mais substancial do importante discurso pronunciado por Álvaro Cunhal no comício da Festa do «Avante!», cujos principais tópicos a seguir se enumeram:

• O Governo PS/PSD é o prosseguimento da política da «AD».

A preocupação e o objectivo do Governo não é que a economia portuguesa recupere mas que os capitalistas recuperem a economia.

• Nos primeiros 100 dias a baixa mais vertiginosa do poder de compra dos portugueses alguma vez verificada.

• Com as conquistas de Abril salvar Portugal do desastre e da bancarrota.

O nosso Partido continuará firmemente a luta em defesa das nacionalizações e da Reforma Agrária, contribuição concreta para a saída da crise.

• Salvar Portugal da dependência e da guerra.

• Para o Governo PS/PSD parece que a autoridade se confunde com limitação das liberdades e a criação de novos instrumentos de bufaria e de repressão.

Com os trabalhadores, com o povo, com todos os verdadeiros democratas, lutamos para que as liberdades e direitos sejam assegurados.

• Existe uma política capaz de salvar Portugal. Não se pode sair da crise se prossegue e se agrava a política que a provocou e incessantemente a agravou.

• O PCP deposita profunda e serena confiança nas instituições democráticas, no regime democrático português criado com a Revolução de Abril.

A legalidade, as instituições, o regime democrático, Portugal de Abril acabarão por vencer.

• O Governo PS/PSD condenado à derrota. Com a política que segue tem os dias contados.

• Continua a existir um vastíssimo campo social e político partidariamente vazio. A alteração do quadro partidário actual aparece não apenas como inevitável mas como condição para uma das várias alternativas institucionais possíveis.

• A luta continua e continuará. O PCP confirma-se na vida portuguesa como uma das mais altas expressões da consciência do povo e da nação.

SEMANA

7
Quarta-feira

Crise por todos os lados...

Em conferência de imprensa o primeiro-ministro do Governo PS/PSD, Mário Soares, afirma, entre outras coisas, estar consciente de que até ao fim do ano o número de desempregados aumentará em cerca de 100 000, a juntar aos 400 000 já existentes, o que se torna uma «inevitabilidade» face aos sacrifícios e austeridade que vão prosseguir (como também anunciou) durante os próximos dois ou três anos ■ A Federação dos Sindicatos da Função Pública revela parte de um chamado «Código de Directivas de Comportamento» elaborado pelo ministro da Justiça e que pretende introduzir na legislação portuguesa um regime que lhe permite «fiscalizar» o «comportamento» dos trabalhadores da Função Pública, cerceando-lhes direitos e liberdades fundamentais e recorrendo a «medidas disciplinares apropriadas» contra quem não cumpra as «directivas» governamentais ■ Aviões franceses bombardeiam aldeias dos arredores de Beirute, seguindo-se voos de caças norte-americanos sobre Beirute e arredores, numa operação de intimidação contra as forças que se opõem à repressão imposta pelo presidente libanês Gemayel, com a cobertura dos contingentes da força multinacional.

8
Quinta-feira

Um forte contingente policial do Corpo de Intervenção ocupa a vila da Marinha Grande, numa operação coincidente com a data prevista para apresentação do plano de viabilização da indústria vidreira; o aparato policial causou viva indignação entre a população e a Câmara Municipal, reunida de emergência para analisar a situação, emite um comunicado a manifestar enérgico repúdio e a responsabilizar o Governo «pelas consequências que pudessem advir deste tipo de insulto ao povo da Marinha Grande» ■ O Conselho de Ministros encarrega o ministro da Administração Interna de transmitir «directivas concretas às forças de segurança interna» quanto aos procedimentos a adoptar em situações que «põem em causa a ordem e a tranquilidade públicas» ■ O grupo parlamentar do PCP formaliza um pedido de interpelação ao Governo sobre política geral ■ Começa no Chile a 5.ª jornada nacional de protesto contra o regime fascista, não obstante a polícia ter ontem assassinado cinco pessoas e efectuado uma centena de prisões ■ Joaquim Villalobos, dirigente da FMLN, afirma que «o Exército salvadorenho perdeu definitivamente a capacidade de conter o avanço do movimento revolucionário».

9
Sexta-feira

Mais de três mil pessoas concentradas frente à Câmara Municipal da Marinha Grande, exigem ao Governo a retirada imediata do destacamento da polícia de choque que ontem ocupou militarmente a vila; entretanto a CGTP-IN acusa o Governo de «desmascarar a sua face repressiva» e qualifica a operação policial como «uma acção intimidatória de carácter fascizante» ■ É inaugurada, às 19 h, pelo secretário-geral do PCP acompanhado da maior parte dos membros da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP, a VIII edição da Festa do «Avante!» ■ Realiza-se no Forte do Bom Sucesso o acto inaugural do ciclo de comemorações do 10.º aniversário do 25 de Abril, sob a presidência do general Ramalho Eanes; este ciclo é promovido pela comissão instaladora da Associação 25 de Abril, presidida pelo Major Vasco Lourenço; o 1.º Ministro, Mário Soares, e o presidente da Assembleia da República, Tito de Morais, apesar de convidados oficialmente, não assistiram ao acto, apesar de este último ter confirmado a sua presença ■ Os governos dos países membros da NATO recusam-se a tomar qualquer medida contra a União Soviética a propósito do caso do avião sul-coreano, como pretendiam os EUA.

10
Sábado

Em conferência de imprensa realizada no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, as direcções sindicais médicas e as comissões representativas dos P1, P2 e P3 afirmam que «perto de quatro mil médicos policlínicos do Norte, Centro e Sul estão ameaçados de desemprego pelo Ministério da Saúde» ■ A polícia fascista chilena assassina o estudante de electrónica Carlos Iturra Contreras, de 26 anos, elevando para seis o número de vítimas mortais da repressão do regime sobre as manifestações de protesto dos últimos dias ■ Os combatentes do Partido Socialista Progressista (PSP) e de outras forças da resistência nacional libanesa tomam a cidade de Beittedine, a antiga capital do Líbano e um dos mais importantes centros urbanos da montanha do Chuf, onde a maioria da população é cristã maronita.

11
Domingo

Barragem do Alqueva

O ministro da Administração Interna afirma, em reunião que manteve com os presidentes das Câmaras do distrito de Beja, que «não fazer Alqueva tornar-se-ia para o país muito mais caro do que não fazer nada», prometendo para breve uma decisão final do Governo sobre o prosseguimento das obras da barragem, paradas desde o governo de Sá Carneiro ■ Termina a VIII edição da Festa do «Avante!», no Alto da Ajuda, em Lisboa ■ O regime fascista chileno assinala no mais completo isolamento e perante o repúdio internacional o 10.º aniversário do golpe militar que derrubou o governo constitucional de Salvador Allende ■ O embaixador argentino Aldo Cocca, especialista em direito aero-espacial da ONU, responsabiliza os EUA pela tragédia do Boeing 747 sul-coreano

12
Segunda-feira

Salvador Allende

É noticiada na imprensa que ontem foi agredido na base das Lajes, nos Açores, por militares norte-americanos, um jornalista da RTP e da ANOP, quando procurava entrevistar personalidades norte-americanas; até ao momento não houve qualquer protesto ou exigência de explicações por parte do Governo português ■ As populações de sete bairros pobres que circundam a capital chilena erguem barricadas e enfrentam a polícia fascista, exigindo a demissão do ditador e o regresso à democracia; as forças fascistas não têm conseguido penetrar nos bairros, enquanto as vítimas da repressão já vão em 15 mortos e dezenas de feridos, segundo dados oficiais; Luis Corválan, secretário-geral do PCC, declara em Moscovo que esta fase da luta popular contra o regime fascista está a ser dirigida pelo seu Partido

13
Terça-feira

A pretexto da declaração da Empresa Pública Notícias e Capital (EPNC) em «situação económica difícil» o Governo aprova, para além de outras profundamente gravosas para os trabalhadores, uma série de medidas que se forem concretizadas equivalem à destruição da empresa ■ O PCP, em nota emitida pela SIP, critica a Televisão por ter escamoteado a reportagem sobre o comício da Festa do «Avante!», classificando tal atitude como um «vergonhoso procedimento» revelador de um «feroz sectarismo» ■ Reagan dá um novo passo na sua escalada militar de intervenção no Líbano autorizando bombardeamentos aéreos sobre Beirute e arredores ■ Entra no seu quinto dia a resistência dos bairros pobres de Santiago do Chile às investidas das forças repressivas de Pinochet que pretendem esmagar o protesto popular ■

Editorial

PODEROSA AFIRMAÇÃO DE CONFIANÇA E VONTADE

Quando domingo ao fim da tarde terminou no Alto da Ajuda o impressionante comício da Festa do «Avante!» podia-se ler numa imensidade de rostos uma quase legenda simples, mas plena de implicações políticas:

«Acabámos de viver uma extraordinária jornada popular e democrática de três dias!».

Para o observador político isento que tenha podido fazer uma visão de conjunto das múltiplas manifestações da Festa naquele pequeno perímetro de quatro hectares e tenha podido ouvir o discurso do Secretário-Geral do PCP, uma única leitura e uma fundamental conclusão política se impunham:

«Há motivos de inabalável confiança no Portugal de Abril. Há alternativas ao Governo PS/PSD e à sua política antipopular e antinacional de continuidade "AD". Há forças e soluções políticas no País de Abril para arrancar Portugal da crise e resolver os agudos problemas nacionais da hora presente».

Estas notas de observação justificam-se plenamente. Durante dias, escribas e comentadores políticos encartados da área do Governo, numa ou outra breve referência, tinham procurado fazer da Festa um pólo negativo de atenções.

Alguns tinham bordado em vários tons os «silêncios» do PCP, outros, incluindo governantes e chefes da coligação, tinham ido mais longe e aludido aos propósitos secretos de uma estrondosa abertura na Festa do «Avante!» de uma ofensiva «desestabilizadora» de Outono a lançar pelos comunistas:

O próprio Governo Soares/Mota Pinto, dois dias antes, numa estudada encenação de solenidade, claramente com as vistas e as preocupações viradas para a Festa do «Avante!», tinha feito o seu balanço dos famigerados «100 dias». E naturalmente atacado com raiva o PCP.

De maneira intencional, para apagarem as incómodas relacionações com o pomposo título do programa eleitoral do PS dos «Cem dias para cem medidas», para lhe fugirem ao ridículo, chamaram-lhe simplesmente «Balanço de três meses de Governo»...

Durante todo este tempo, nos órgãos de Comunicação Social estatizados, constitucionalmente obrigados ao pluralismo informativo, as iniciativas políticas do PCP e a importância da Festa do «Avante!» como grande realização cultural de massas foram sistematicamente silenciadas.

Tudo isso obedecia a propósitos deliberados: glosarem numa escala intimidatória a pretensa carga política negativa da Festa do «Avante!» para afastarem dela portugueses não comunistas e timoratos e diminuirem depois a projecção política real da Festa no contexto e nas perspectivas da situação nacional actual.

Eles fabricaram o «silêncio». Construiram artificialmente a «montanha». Conceberam nas próprias entranhas o «rato».

Como toda a gente viu este propósito ruiu fragorosamente pela base.

O rumor da Festa do «Avante!» rompeu a barreira do silêncio e chegou a todos os recantos de Portugal.

Mais centenas de milhares de portugueses do que nunca em festas anteriores, vieram até ao Alto da Ajuda — a Festa do «Avante!» é a maior manifestação de cultura popular de massas do País, entrou já nas tradições e nos hábitos de largos círculos da população portuguesa, é já impossível silenciá-la e abastardá-la.

A «montanha» existiu. Não a que os reaccionários de todos os matizes quiseram artificialmente construir para «parir um rato» mas a que uma exaltante militância ergueu e o entusiasmo e a participação populares avolumaram com uma contagiante presença.

O «animal» era excessivamente volumoso para passar pelo buraquinho que a reacção queria abrir na sua «montanha».

A Festa do «Avante!» impôs-se com a sua imponente e exacta dimensão, foi uma janela de liberdade, claridade e confiança aberta no universo sufocante de múmias e sombras que os inimigos da democracia ora instalados no Poder tentaram construir em «100 dias» no Portugal de Abril.

O silêncio posterior com que pretendem agora envolver a maior realização de massas do País é significativo e é a prova provada de que a Festa do «Avante!» acertou em cheio no seu objectivo fundamental, isto é, com as energias e o poder criador do Povo, com as conquistas de Abril é possível salvar Portugal do desastre e da bancarrota para onde o querem empurrar a equipa Soares/Mota Pinto.

É impossível desligar esta poderosa manifestação de massas dos problemas, das inquietações, das tarefas actuais do Povo português, de todos os democratas e patriotas.

Cada parte constitutiva da Festa era uma resposta e simultaneamente uma fonte de energias para um combate patriótico que é preciso travar: é preciso deter a louca corrida para o abismo para onde o Governo Soares/Mota Pinto empurra Portugal.

«O Governo PS/PSD é o prosseguimento da política da "AD"» — disse Álvaro Cunhal no discurso da Ajuda.

Quando no comício o Secretário-Geral do PCP fez uma criteriosa destrinça entre os socialistas e Soares, entre as aspirações profundas dos trabalhadores socialistas e a política do Governo dirigido por Soares, em vários pontos do comício muitos assistentes apontavam para si próprios a afirmarem-se socialistas e a confirmarem expressivamente a justeza das palavras de Álvaro Cunhal.

E quando falamos em abismo não é uma caracterização feita apenas pelo PCP. Um dos governantes actuais dos que maiores responsabilidades tem no agravamento da crise portuguesa actual — precisamente Mota Pinto — disse na divertida conferência de Imprensa do dia 7: «é necessário conter a caminhada para o abismo».

«Impedir o desastre, defender Abril» dizia-se num grande painel da Festa do «Avante!».

São palavras que gritam como preto no leite na viva realidade do momento que vivemos.

Cada parte constitutiva da Festa do «Avante!» era uma afirmação de alternativa à política de direita do Governo Soares/Mota Pinto e da coligação PS/PSD e simultaneamente um azorrague na sua política antipopular e antinacional, na sua vergonhosa política de mentira, na sua falsa coragem para enfrentar a crise que eles dobaram ao longo dos anos desde 1976.

Soares disse no dia 7 aos jornalistas com o aparato da encenação do Palácio Foz que «o Estado é solvente, cumprirá as suas obrigações e não haverá mais dificuldades do que as que os portugueses já conhecem estando afastado o espectro das bichas e racionamentos, situações que outros países já conheceram e conhecem...» etc.

Palavras, palavras, palavras...

E menos de oito dias depois com todo o cinismo o Governo sob a direcção do mesmo Soares decreta novos despedimentos de trabalhadores, aumenta impostos indirectos, acrescenta «mais dificuldades às que os portugueses já conhecem».

Quem pode acreditar em tal gente?

Os visitantes da Festa do «Avante!» foram ao Alto da Ajuda retemperar-se na verdade política, na inabalável confiança no futuro que lhes inspira o PCP, renovar o seu amor à democracia e ao 25 de Abril.

«O PCP deposita profunda e serena confiança nas instituições democráticas, no regime democrático português criado com a Revolução de Abril.

«A legalidade, as instituições, o regime democrático, do Portugal de Abril acabarão por vencer».

Os que foram até ao Alto da Ajuda, independentemente das suas convicções políticas, ganharam novos argumentos, nova confiança, novas forças para que perdurem e sejam difundidas as grandes conquistas democráticas alcançadas em duros anos.

Na sua dimensão política, na sua grandeza de massas, no seu vasto conteúdo popular e democrático a Festa do «Avante!» integra-se sem antinomias neste começo das comemorações do 10.º Aniversário da Revolução de Abril.

Provada a surdez do Governo
A música é outra
— confirma o movimento sindical

Números e factos sublinham diariamente aquilo que o secretariado da Federação Portuguesa dos Sindicatos das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa designou por «estado de sítio» nas empresas, confirmado pela CGTP.

A propósito da nova lei dos despedimentos que o Governo tenciona elaborar, restringindo na prática o direito de participação legal dos representantes dos trabalhadores no processo que conduzirá à publicação daquele diploma, o conselho nacional da CGTP já manifestou a sua **«recusa total»** do projecto.

O mesmo foi reafirmado por aquele órgão dirigente da Central unitária quanto à «elaboração de uma lei anti-greve», recusando ao mesmo tempo «a revisão de outra legislação laboral, designadamente para o sector da função pública, com vista a reduzir direitos em vigor».

A Inter, que reuniu o seu conselho nacional em 6 do corrente, recusou ainda, entre outras pretensões do Governo, qualquer validade às «razões» que a coligação PS/PSD quer incutir na opinião pública, segundo as quais o projecto de decreto-lei, demagogicamente baptizado com o nome de **«suspensão temporária dos contratos de trabalho»**, viria solucionar os numerosos e graves problemas da nossa economia.

Diz o conselho nacional da CGTP:

Contrariamente ao que o Governo afirma, o projecto de decreto-lei «não é para aplicar apenas aos trabalhadores das empresas em situação económica difícil. Pode ser aplicado (citando o texto do diploma) devido a **razões conjunturais de mercado, motivos económicos ou tecnológicos e catástrofes ou outras ocorrências** (sublinhem-se as «outras») **que tenham afectado gravemente a actividade normal da empresa».**

O âmbito do projecto é praticamente ilimitado. No entanto, acrescenta a Inter, não será a redução de encargos com salários que resolverá quer «os graves problemas das empresas», quer «a falta de dinamismo e competitividade da economia nacional».

Sublinha a CGTP que **os problemas estruturais da economia portuguesa são outros:**

«Máquinas e equipamentos obsoletos; falta de programação e organização da produção (má e incompetente gestão empresarial) política governamental de crédito com juros altíssimos (há muitas empresas que pagam muito mais encargos financeiros do que salários); falta de mercado interno e externo para venda dos produtos, quer devido à degradação do poder de compra dos trabalhadores, quer devido a uma desastrosa política externa virada quase exclusivamente para a CEE e submetida aos desígnios do imperialismo».

Como agir

A recente intervenção policial na Marinha Grande, com a vila ocupada desde as 7 da manhã do dia 8, «sem que na região estivesse sequer anunciada qualquer forma de luta dos trabalhadores» — sublinha a CGTP numa manifestação de solidariedade — as «medidas concretas» recomendadas ao ministro da Administração Interna «no sentido de reforçar a intervenção policial e a acção repressiva contra as lutas dos trabalhadores»; o aumento vertiginoso dos preços e dos salários por pagar, as medidas que se anunciam contra o emprego na comunicação social, bem como os projectos gerais do Governo contra regalias e direitos conquistados até agora pelos trabalhadores em geral reclamam uma série de acções concretas da parte do movimento sindical e a intensificação da luta nas empresas. Nesse sentido e segundo as decisõaes do conselho nacional da CGTP foram já anunciadas sessões regionais preparatórias da **Conferência Nacional pelo Direito ao Trabalho** em **Évora** (amanhã, 16, às 9 e 30 no Palácio D. Manuel) em **Lisboa** (dia 17, Voz do Operário, 14 e 30), **Aveiro, Beja, Braga, Castelo Branco, Leiria** e **Vila Real** (dia 20) **Faro, Funchal, Portalegre, Santarém, Setúbal** e **Viana do Castelo** (dia 21) e ainda em **Coimbra** e no **Porto,** ambas no dia seguinte.

Para 24 do corrente está anunciado um **plenário nacional da CGTP-IN** em Lisboa. Convocado para decidir sobre as «acções de massas de carácter geral, a empreender pelo movimento sindical na sequência das conclusões da Conferência», o plenário da Inter decidirá com base nos debates entretanto realizados nos distritos. Para discussão nas sessões regionais a Inter distribuiu «maciçamente aos trabalhadores e à população um folheto intitulado **contra** a lei dos despedimentos lutar é o caminho».

O Governo já provou o que vale o seu «diálogo social».

RTP: sectarismo anticomunista

Protestando contra o facto de, no telejornal de domingo passado, a RTP apenas ter feito uma **brevíssima referência (sem quaisquer imagens colhidas no local) ao comício da Festa do «Avante!» e ao discurso de Álvaro Cunhal** e ainda por no dia seguinte se verificar que o mesmo comício foi pura e simplesmente ignorado, a Secção de Informação e Propaganda do PCP divulgou anteontem uma nota aos órgãos de informação, na qual se classifica tal procedimento da RTP como **vergonhoso e revelador de um feroz sectarismo e de uma gritante sanha discriminatória, que visa ocultar a milhões de portugueses as imagens do grandioso comício da Festa e as posições do PCP sobre o momento político que foram nessa ocasião enunciadas.**

Esta atitude — sublinha ainda a SIP do PCP — **já conduziu, além do mais, à situação absurda e chocante de terem sido transmitidas no «último jornal» de segunda-feira, imagens e declarações em som directo de um dirigente do PSD, à saída de uma reunião, respondendo a posições do PCP que, na prática, foram até agora ocultadas aos telespectadores, bem como as imagens da iniciativa em que foram apresentadas.**

Entretanto, nessa mesma altura, a SIP adiantava que **independentemente de outras diligências e iniciativas adequadas à denúncia e combate a esta clamorosa prepotência da RTP, o PCP reclama que a mesma seja prontamente reparada com a transmissão no telejornal de hoje,** (terça-feira passada), **da referida reportagem, sob pena de o procedimento da RTP se converter num acto ostensivo e deliberado de censura e numa posição de rebeldia face aos princípios constitucionais e legais.**

Atitude provocatória do Governo PS-PSD

«Atitude mesquinhamente provocatória do Governo PS/PSD» merecedora de «uma severa condenação por parte dos democratas portugueses» — eis como se caracteriza, numa nota da SIP do PCP, a impossibilidade forçada dos representantes da OLP e da Revista Internacional de participarem na Festa do «Avante!», devido à não concessão de vistos.

Referindo-se aos acontecimentos, diz a SIP.

• O PCP sublinha que tal facto é o resultado de uma manifesta má vontade, intolerância e intransigência governamentais que se traduzem, com falsos argumentos burocráticos, desculpas relativas às esferas de competência, tácticas dilatórias e outros expedientes lamentáveis, em não querer deliberadamente resolver situações que, no passado, têm sido superadas.

• Com efeito, importa esclarecer que, dado o facto de estes e outros convidados da Festa do «Avante!» não terem podido obter vistos (ou de estes não lhes terem sido concedidos em tempo útil) nos países de origem, o PCP desde muito cedo estabeleceu contactos oficiais com diversos departamentos governamentais, prevenindo para tais situações e solicitando a concessão de facilidades, aliás perfeitamente normais e previstas para tais casos.

Concretamente, na segunda-feira anterior à Festa, uma delegação do PCP avistou-se com o secretário de Estado da Cooperação (MNE) a quem expôs o problema, tendo obtido deste membro do Governo a garantia de que seriam resolvidas as situações previstas de convidados que iriam pedir o visto quando chegassem ao Aeroporto de Lisboa, bastando para tanto o contacto do PCP com o Serviço de Estrangeiros.

• A verdade é que, apesar desta garantia, as inúmeras diligências posteriormente desenvolvidas pelo PCP, designadamente junto do Serviço de Estrangeiros e do Ministério da Administração Interna e de novo junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros, encontraram uma arbitrária decisão de recusa em resolver a situação dos convidados sem visto.

Avante!

Esta edição do «Avante!» surge, na sua apresentação, com algumas particularidades, tidas como adequadas ao seu conteúdo especial.

Não publicamos o Suplemento, *enquanto que o 1.º caderno tem 12 páginas em vez das 8 habituais, acrescido de uma* Separata *com o discurso de Álvaro Cunhal no Alto da Ajuda.*

A Festa do «Avante!» constitui, como se compreenderá, o tema quase exclusivo desta edição, na tentativa de dar uma imagem o mais aproximada possível do grande acontecimento.

Na próxima semana o «Avante!» retomará o seu aspecto normal.

Esteiros

Soeiro Pereira Gomes

Um livro que foi a alvorada despertadora do horizonte literário nos anos 40

(edição ilustrada)

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: *Partido Comunista Português.* Rua Soeiro Pereira Gomes – 1699 – Lisboa CODEX. Tel. 768345

ADMINISTRAÇÃO: *Editorial Avante, SARL.* Av. Santos Dumont, 57-3.º Dt.º - 1000 Lisboa Tel. 769744/769751.

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes – 1699 Lisboa CODEX. Tel. 769725/769722.

DISTRIBUIÇÃO: *CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL.* **Serviços Centrais:** Av. Santos Dumont, 57 – 2.º – 1000 Lisboa. Tel. 779828/779825/769751.

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 – 1200 Lisboa. Tel. 372238.

Centro Distribuidor de Évora: Alcarcova de Baixo, 13 – 7000 Évora. Tel. 26361.

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 – 8000 Faro. Tel. 24417.

Delegação do Norte Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 – 4000 Porto. Tel. 693908/699615.

Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 – 3000 Coimbra. Tel. 28394.

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º – 1000 Lisboa. Tel. 766402.

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 – Venda Nova – 2700 Amadora. Tel. 900044.

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B – 1100 Lisboa. Tel. 776936/776750. *Porto* – Rua do Almada, 18-2.º Esq.º – 4000 Porto. Tel. 381067.

Composto e impreso na Heska Portuguesa – R. Elias Garcia, 27 – Venda Nova – 2700 Amadora.

Depósito legal n.º 205/82

Tiragem do mês de Agosto: 40 600

Festa do Avante!

Uma volta a Portugal em dias de Festa e luta

A gente está habituada a que todos os anos seja melhor. Que o esforço, a imaginação e a capacidade de aprender e ainda a vontade de ultrapassar o que de melhor já foi conseguido, funcione todos os anos. Como de resto tem funcionado. Para o repórter, porém, este ano foi um grande salto em frente. E não só para o repórter que, apesar de se incomodar pouco se lhe disserem que não está a ser completamente objectivo — isto de uma festa do «Avante!» não há «objectividade» que lhe resista —, procurou junto de camaradas e amigos uma opinião. A opinião que ouviu, a soma de vozes que filtrou com facilidade, é unânime. A mais bela festa de Portugal foi, este ano, a mais bela de todas. E de longe, como se costuma dizer.

Passemos sobre o que tínhamos anunciado — que os espaços eram diferentes e outros, que o terreno se abria num traçado novo onde era mais possível passear e conviver; que, como se constatou, havia mais sombra e mais água, mais bancos para descansar numa pausa entre duas visitas ou dois espectáculos. Passemos sobre isso que é também importante mas estava previsto. O que sublinhamos é que a Festa, que traz o País ao Alto da Ajuda, deu um grande salto em qualidade. O País — isto é, quem o trouxe e o mostrou às centenas de milhares de visitantes —, o País esmerou-se.

Como se fossem ilhas de um vasto arquipélago, as organizações regionais do Partido dispunham-se no terreno ondulante, assinalando ao navegador a sua presença com as bandeiras, as torres, arvorando o nome da região. Contámos treze e, na vastidão, elas pareciam todas ligadas apesar de, cada uma, manter a sua identidade própria, o seu cunho regional, a sua unidade. O percurso era-nos proposto. Seguimo-lo.

Começámos pelo **Alentejo**. Não só porque nos ficava à esquerda, à entrada, o início natural de uma caminhada. Mas porque, para quem chegasse, era uma cidade dentro de outra que víamos, destacada de todas as outras.

Verdadeiras casas alentejanas, as portas arredondadas em arco, as telhas vermelhando em beirais bem ao costume do sul, o azul debruado sobre o branco do que facilmente podíamos imaginar ser a cal dos muros. Entrámos como em nossa casa. E de repente estávamos no Alentejo.

Uma larga praça cheia de Sol, rodeada de bancos. Um pelourinho ao fundo. Uma fonte com bebedouro e tudo. A toda a volta da praça rectangular, as arcadas que propunham sombra no interior, eram exposições, **stands** de artesanato, de petiscos. Saíam e entravam pessoas, famílias como em dia de descanso numa cidade alentejana. As crianças corriam à fonte, homens e mulheres enchiam garrafas de água. Ali só não era Alentejo verdadeiro porque a água estava lá e corria generosamente acalmando a secura do dia.

Uma vista de olhos, mais rápida do que desejaríamos. Passamos pelo artesanato, olhamos as cadeiras pintadas de Évora, demoramo-nos um pouco a ver duas operárias que, fio a fio, constroem um tapete de Arraiolos. Bebemos um café rápido no bar. À noite uma multidão aglomerava-se ali e a loiça quase não chegava para os pedidos, o café era bom. Foi quando vimos o Manuel da Fonseca, com uma criança ao colo e um moinho de papel na outra mão, erguido na noite em Festa.

Mas vamos à exposição política, uma das mais bem conseguidas que nos foi dado visitar. O aniversário de 1383 estava lá, com rigor e entusiasmo descrito, que o Alentejo em peso esteve na revolução há seiscentos anos, como demonstra o mapa onde são inúmeros os concelhos em que o povo se foi ao castelo e o pôs ao serviço da pátria e da independência nacional. Um momento de reflexão depois sobre a Reforma Agrária que outra revolução permitiu e que hoje se defende palmo a palmo frente às arremetidas dos novos castelãos. Uma pausa frente ao que nos apresentam serem os recursos económicos da região, a maior parte deles potenciais, pois que não são aproveitados. Depois o poder local no Alentejo, outra verdadeira revolução que já mudou a face de aldeias, vilas e cidades, pela mão honesta e trabalhadora da APU. A seguir a Paz em que o povo alentejano está profundamente empenhado, com as suas imagens em negativo da guerra, as positivas da luta desenvolvida na região. E finalmente o Partido, o seu reforço ao longo destes anos e a meta de trabalho que já se propõe aos militantes — o X Congresso.

Mas estamos a demorar-nos. Olhamos em redor e vemos daqui — acreditem! — o **Minho**. Vamos então ao Minho que fica a dois passos.

O que se nos oferece ver nesta região é a profunda mudança operada em poucos anos. Ficamos a saber que há nada menos de 513 eleitos da APU nos vários órgãos autárquicos. Que do Povo Unido há 13 presidentes de Juntas, algumas das quais são de maioria absoluta. Que nessas autarquias, já há obra feita, obra que se veja ao serviço das populações. Ali também nos é contado o caso de Vizela, as posições do PCP quanto à questão da elevação de Vizela a concelho esclarecidas, ao mesmo tempo que se chama a atenção para as manobras demagógicas do PS e se põem a nu as posições reaccionárias e intransigentes dos partidos da direita.

Atravessamos o Minho, percorremos o artesanato variado, os vários **stands** de petiscos. Depois é só dar um pulo sobre o «atlântico» e estamos nos... **Açores.**

Onde alguns aspectos da realidade do arquipélago nos são apresentados, a começar pelos dados geográficos que poucos continentais conhecem. Mas são os dados económicos, sociais e políticos que mais interessam o visitante. Ficamos a saber que o Governo Regional trabalha em prol da «fartura». Nos últimos três meses, por exemplo, houve fartura... de aumentos de preços de produtos e serviços de primeira necessidade.

Mas também a vida, a organização e a actividade do PCP da agricultura, o turismo, as pescas e conservas, a habitação e a saúde, a educação e ensino. Problemas gerais tratados de uma forma particular que ao Algarve diz respeito. E depois vem a história das recentes lutas de massas, na hotelaria, nas pescas e conservas. E dados sobre a 1.ª Conferência Sindical no Algarve.

Descemos agora a **Setúbal**, cuja «fróntaria» se reveste de cortiça, numa espécie de baixo-relevo onde as principais actividades deste distrito aparecem: construção naval, metalurgia e outras. Entramos e uma fonte, no empedrado construído numa pequena praça, jorra água sobre duas pequenas esculturas metálicas, sobre cujas asperezas, ao fim da noite de domingo, vimos notas de muitos escudos e, no fundo do lago, milhares de moedas. Na exposição, uma variedade de mostras: das hélices fabricados por uma empresa a instrumentos musicais de uma colectividade. Um auditório estava sempre cheio quando ali se debatiam problemas ligados ao distrito. A adega do fado abarrotava de gente, tal como o restaurante, os bares, a tômbola, os **stands** de artesanato.

Agora, passamos ao pavilhão da **emigração**. Onde emigrantes comunistas e comunistas «de cá» não têm mãos a medir a atender a «clientela»: trouxeram recordações dos países onde trabalham. E mostram com orgulho a evolução dos resultados eleitorais que a APU tem registado. «Os emigrantes», asseguram-nos, «continuarão a luta até ao completo afastamento da reacção do poder».

E por aí fora: em **Trás-os-Montes** detemo-nos a admirar o artesanato fabricado ao vivo perante muitos visitantes. E a ver o que nos contam os comunistas da região sobre os problemas da mesma, com destaque para os aspectos focados na Conferência Democrática sobre Trás-os-Montes e Alto Douro.

Madeira: a actividade do PCP no arquipélago, salientando a luta, na própria Assembleia Regional, que os comunistas, através do seu único deputado, travam para desmascarar as manobras do Governo Regional em defesa das populações.

Leiria: um espaço largo onde o distrito depositou uma variada mostra do que por lá se faz a nível da actividade produtiva, da louça das Caldas ao vidro da Marinha Grande, aos plásticos de Leiria, à tecelagem. Coroando tudo, uma exposição sobre a batalha de Aljubarrota — novamente 1383 dominando.

Descemos às Beiras — ambas com exposições descobertas, simples e sóbrias. Na **Beira Litoral**, as florestas, uma riqueza a preservar, constituem um tema que se desdobra aos nosso olhos. «Linhas Vouga e Dão, Sim ou Não», outro tema que nos recorda a todos os problemas e as promessas do Poder sobre as vias de comunicação da zona. E o Baixo-Mondego, a «terra verde trabalhada pelas mãos das suas gentes, vermelha quando é preciso defender o ganho de cada dia», novo tema que nas ilhas açorianas nos são desvendadas. E é-nos sublinhado que em apenas três anos, a organização do Partido cresceu 100 por cento!

E subimos para o **Porto**, instalado lá no alto, com uma torre azul encimada pela estrela vermelha. À volta os **stands** dos concelhos do distrito, de onde se evola o cheiro do caldo verde, onde as tijelas de verde tinto passam de mão em mão. No pavilhão da DORP, relevo para o aniversário da revolução de 1383, com largos excertos dos textos de Fernão Lopes sobre a ajuda preciosa que a cidade deu ao Mestre Defensor do Reino.

Ao lado está Santarém e escolheu um amarelo vivo para debruar os **stands** onde se respira uma alegria muito ribatejana. Até espreitámos um leilão de pombos.

Aqui, por entre muitos dados sobre a realidade do distrito, — a Reforma Agrária, com um mostruário dos produtos agrícolas, as lutas de massas, os problemas dos camponeses, a dedicação e o trabalho da APU nas autarquias — avulta o objectivo dos comunistas da região, para o ano que corre: o reforço do PCP.

De Santarém a **Lisboa** é só descer o Tejo. Com o Tejo ao fundo, para os lados do palco «25 de Abril», em meia dúzia de passos alcançamos a capital. A alta torre multicolorida encima a exposição central sobre 1383 e sobre as lutas de hoje. Defender as conquistas de Abril, defender as nacionalizações, defender a Paz, são os lemas mais marcantes da exposição. E Lisboa, toda a região, trouxe para um vasto recinto os seus sectores de trabalho. E os seus concelhos. Podemos inteirar-nos das lutas dos trabalhadores do distrito, e do seu próprio trabalho. E um vasto espaço dedicado aos concelhos traz o artesanato e os petiscos. A vida da capital é intensa, variada, multiforme.

Subimos ao **Algarve**. É verdade que subimos, porque o Algarve domina a Festa, no alto da plateia frente ao Palco «25 de Abril». Um medronho, uma olhadela ao artesanato e cá vamos nós à exposição política onde os painéis nos indicam as propostas do PCP para a solução dos problemas do Algarve. Que são muitos e importantes: recursos naturais, problema da água, problema mostra as lutas dos agricultores que defendem também os baldios, «património do povo».

Deitamos uma olhadela ao leitão da Bairrada e desistimos, que a esta hora a bicha é grande. E metemo-nos pela **Beira Interior**, apreciamos os bordados de Castelo Branco, um tear preservado na sua antiguidade, testemunho de muito trabalho. O trabalho é também o tema fundamental aqui. A luta. A dos mineiros da Panasqueira, a dos operários têxteis num sector em crise, a dos campos.

De repente damo-nos conta que vimos um país inteiro. Do mar ao exterior, das montanhas às ilhas, das fábricas aos campos cultivados. Por toda a parte o empenhamento e a luta. E a certeza que nos fica de que temos recursos e gente à altura de debelar a crise, de vencer.

A política e o país em numerosas iniciativas

Uma vasta série de iniciativas políticas, entre as quais o comício a que damos destaque separadamente, deu à Festa do «Avante!» o cunho habitual. A Festa foi, como é de tradição, não apenas o espaço da arte, da cultura e do convívio, mas sobretudo um espaço voltado para o debate das questões centrais que preocupam os trabalhadores e o povo português e para as quais os comunistas estudam e apresentam soluções, sempre buscadas nas capacidades e opiniões dos que dia-a-dia constroem o país e o defendem contra a política reaccionária de sucessivos governos.

Entre as várias iniciativas que marcaram esta festa, salientam-se os colóquios políticos sobre problemas e questões nacionais, que o «Auditório 1.º de Maio», sempre cheio, acolheu. Aí tomaram a palavra, na sexta-feira o camarada Carlos Costa e, no sábado, o camarada Octávio Pato, ambos da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP.

Apesar dos horários «difíceis», entrecortados de espectáculos, os colóquios contaram sempre com o interesse de muitas centenas de pessoas. O camarada Carlos Costa abordou «a situação económica do país e as propostas do PCP para a saída da crise». Lembrando que as propostas sempre renovadas do PCP para a resolução dos problemas económicos, que se foram agravando, datam de 1976/78 e que os comunistas foram, ao longo dos anos, organizando várias iniciativas nacionais para debater questões fundamentais e apresentar soluções, Carlos Costa recordou as medidas tomadas, pelos diferentes governos até hoje, contrárias aos interesses nacionais, concluindo

que é possível, com os trabalhadores e com o PCP, e sem medidas gravosas como as que o actual Governo prepara, sair da crise e enfrentar os problemas.

O camarada Octávio Pato, que falou ao fim da tarde de sábado, num colóquio também muito concorrido e participado, abordou, por seu lado, «a situação política actual, a luta de massas e as tarefas dos comunistas».

O papel do PCP e dos comunistas no desenvolvimento e orientação das lutas que se têm desenrolado nos últimos tempos e as que continuarão a ter lugar no nosso país, mereceram ao dirigente comunista especial destaque.

Outros colóquios e debates tiveram lugar na Festa. Nomeadamente no Auditório da Exposição Política, espaço privilegiado que, ao longo dos três dias, vimos várias vezes repleto por visitantes que haviam programado assistir a um colóquio ou por simples passantes que se interessavam pelo tema na altura abordado. Numerosos deputados do grupo parlamentar do PCP tomaram parte nos colóquios organizados consoante os grupos de trabalho. «Educação e Cultura», «Saúde e Situação Económica», «Actividades entre o 1.º e o 2.º Congressos dos Deficientes», «Habitação», «Condição Feminina», «Agricultura», «Economia, Finanças e Plano», «Saúde e Segurança Social», «Trabalho», «Integração na CEE», «Assuntos Sociais», «Póder Local», «Direitos, Liberdades e Garantias», foram os temas abordados neste espaço de debate.

Espaço «patrocinado» pela exposição que o acolhia. Onde os temas nacionais — sobretudo a «crise» — eram desmistificados através de uma sóbria exposição.

No mesmo espaço funcionava «O Militante», cujo 50.º aniversário foi assim assinalado. O «antes e o hoje» estiveram patentes. Enquanto o último número de «O Militante» clandestino era reproduzido por camaradas que na clandestinidade o imprimiram, nos mesmos velhos prelos, um sistema de **vídeo** respondia às perguntas dos visitantes por obra e graça da electrónica. A organização do Partido, os numerosos centros de trabalho pelo país fora eram assinalados, entretanto, em mapas que ofereciam a quem não conhece o PCP, a imagem da sua implantação e força.

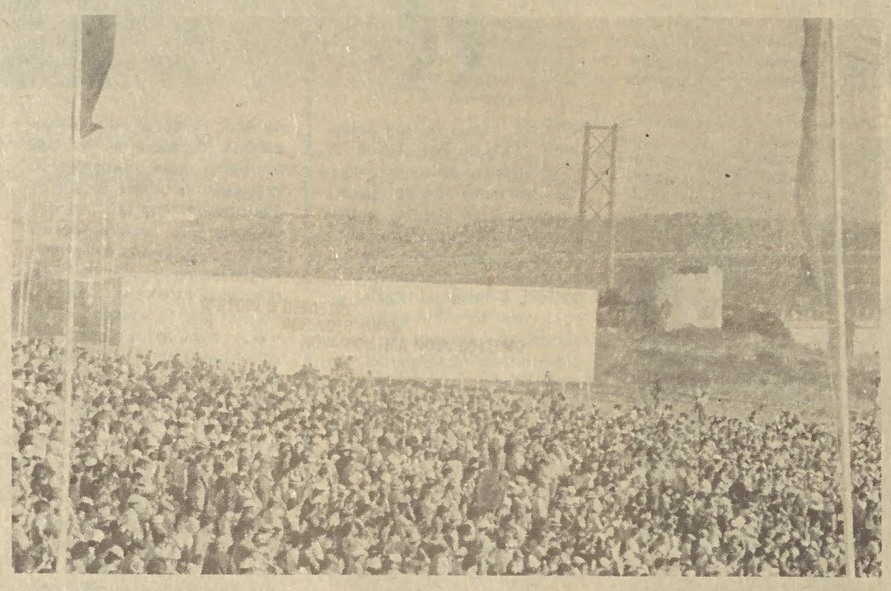
Proletários de todos os países: UNI-VOS! Avante!

Festa do Avante!

O comício foi o momento mais alto da Festa

Muitos milhares — sabe-se lá quantos! —, muitas centenas de milhares de pessoas aguardavam o momento do comício. Era, como disse Luís Filipe Costa apresentando no Palco «25 de Abril» esse tempo especial da Festa, «o momento em que sempre conseguimos a maior audiência frente a este palco». Com ele estavam lá muitos outros a testemunharem a verdade dessas palavras. E dizemos mais: dizemos que se trata sempre do momento mais alto, mais emotivo e, ao mesmo tempo, mais sereno, solene, da Festa todos os anos renovada. Momento de reflexão, de balanço. Ponto de partida para novas lutas. E, ao longo dos anos, vemos crescer a nosso lado, vozes que connosco se levantam e vibram com o hino de abertura: o «Avante, camarada!» é cantado agora por novas gerações de jovens que, quando chegou o 25 de Abril, quase há dez anos, eram apenas crianças que confusamente viam através das esperanças e das lutas dos pais, o mundo que é o país modificar-se. Hoje, connosco, cantam a nossa luta. E vão à Festa e ao comício e renovam tudo com a sua presença e com a sua esperança.

Um reboar de palmas saudou as delegações estrangeiras. Contámos 37, e contámos as duas que o Governo PS/PSD não deixou entrar no país. Mas, como também foi dito, a sua presença era viva ali no terreno da Ajuda e a solidariedade para com a luta dos progressistas e dos povos do mundo não desfalece com as manobras deste governo, com as suas mesquinhas vinganças. Assistimos, durante o comício, ao entusiasmo que ganhou muitos dos delegados estrangeiros presentes. Para a maior parte deles a Festa é mais um motivo para contar nos seus países que os trabalhadores portugueses estão solidários com longínquas lutas pela liberdade, pela independência, pelo progresso.



A Comissão Nacional da Festa, as representações das Direcções de Organizações Regionais do Partido, o Comité Central do PCP, a Comissão Política e o Secretariado do CC encheram o palco. Frente a nós todos que, no aplauso, valorizámos o esforço de todos quantos construíram a festa e que pelo país, dia-a-dia, defendem as conquistas de Abril e as querem ver solidamente enraizadas em Portugal e a produzirem os frutos que hoje dificilmente medram.

Dois discursos apenas que hoje publicamos na íntegra: o do director do «Avante!», camarada Dias Lourenço, membro da Comissão Política do CC, cuja primeira saudação se dirigiu especialmente à juventude e à sua participação na Festa; e a do secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, que fez a análise da situação política actual e em nome do Partido definiu as grandes linhas de actuação dos comunistas. Para levar «avante» as esperanças de Abril.

Discurso de Dias Lourenço

Queridos Amigos e Camaradas
Queridos Convidados da Imprensa Operária Internacional

Dentro de poucas horas terminará a Festa do «Avante!» 83.

Este comício grandioso em que o Secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, irá falar-vos da situação política actual, é quase um «fim-de-festa» destes três inesquecíveis dias.

Em nome da Comissão Organizadora Central dirijo a todos vós, os que estais aqui presentes e a todos os que nos visitaram no Alto da Ajuda, as nossas saudações calorosas.

Concerteza que os jovens de cabelos brancos e os que por lá perto já andam e aqui se encontram reunidos, não acharão mal que distinga nas nossas saudações os milhares de jovens rapazes e jovens raparigas que de uma forma ou de outra participaram na nossa Festa. Eles, os jovens, animaram-na com a sua inconfundível vivacidade e dinamismo, imprimindo-lhe, afinal a sua característica mais notável — a juventude.

Não se poderia esperar outra coisa de um Partido que nos seus ideais superiores incarna a «juventude do mundo».

Portugal tem estado aqui representado em força no Alto da Ajuda. Um número superior de portugueses do que qualquer das Festas anteriores nos visitaram nestes dias. Mais de 300 excursões de autocarros e dois comboios especiais trouxeram até à aprazível encosta sobranceira ao Tejo em que nos encontramos muitos milhares de homens, mulheres e jovens de todas as regiões do País.

Alguns galgaram o Atlântico vindos das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. Muitos outros trabalhando longe da pátria quiseram estar presentes.

Esperamos que todos levem para as suas terras e para os seus locais de trabalho uma boa recordação dos dias que aqui passaram.

Aos que têm ainda distantes quilómetros a percorrer estou certo de interpretar os desejos dos que cá ficam de um óptimo regresso a casa.

Boa viagem Camaradas!

Aos que daqui vão para perto, na região da grande Lisboa, desejamos um resto de noite tranquilo!

Camaradas
e Amigos

Como nos anos anteriores, sem um grande e operoso esforço de organização a Festa do «Avante!» não seria possível.

Durante mais de dois meses e de maneira mais intensa nas últimas semanas, com cerca de 12000 presenças, homens, mulheres e jovens de todas as regiões do País trabalharam aqui no duro para dar à nossa Festa o timbre de qualidade e beleza que a distingue.

Um núcleo de abnegados camaradas passaram aqui o ano; outros vieram a tempo inteiro, alguns sacrificaram as suas férias, a maior parte integraram-se nas brigadas de trabalho voluntário dos fins-de-semana e até depois de terminado o seu dia de labor nas fábricas e escritórios.

Dezenas de camaradas, como soldados em campanha, têm vivido aqui nestas últimas semanas em condições de incomodidade, longe das suas famílias.

Mas no entusiástico trabalho em comum encontraram as mais salutares compensações:

Alguns, jovens estudantes, vieram fazer no Alto da Ajuda a sua primeira experiência de trabalho físico; todos na rude tarefa de pôr de pé as estruturas da Festa, aqui soldaram indestrutíveis laços de Amizade, de sã camaradagem.

Olhando caras que já nos habituámos a ver nas Festas anteriores — como sabeis a melhor de todas é sempre a do próximo ano — surpreendemos em muitos a alegria do reencontro.

Vários são comunistas sem cartão, simpatizantes da nossa grande causa, irmanados nos superiores objectivos que nos são comuns e que deram à festa um contributo inestimável.

Podemos então dizer, sem errarmos, que a Festa do «Avante!» é para os seus milhares de construtores uma grande escola de trabalho, de coesão, de fraternidade.

Todos os camaradas que a conceberam, a projectaram e puseram de pé são credores de uma saudação muito particular:

Vivam os construtores da Festa do «Avante!»!

Camaradas
e Amigos

A Festa do «Avante!» é a festa das conquistas de Abril. A defesa das liberdades, das nacionalizações, da Reforma Agrária, inspira cada pormenor desta grandiosa iniciativa democrática.

A nossa Festa ganhou tradições, é uma incomparável realização popular que se insere no património cultural da cidade de Lisboa e do País.

Este duplo carácter fá-la transcender os estrictos limites partidários e empresta-lhe um significado e importância mais largos.

Com a CM de Lisboa tem vindo a ser possível superar os obstáculos e é pela quinta vez consecutiva que realizamos no Alto da Ajuda a nossa Festa.

Este ano introduzimos modificações que lhe melhoraram a estética e a funcionalidade, algumas das infra-estruturas que construímos podem exercer uma função social útil para a população da zona.

Mas todos os anos a batalha pelo local da Festa é uma tarefa preocupante.

Nós julgamos que ela é — como reconhece o actual presidente CDS da Câmara de Lisboa — uma grande iniciativa de cultura popular da cidade que merece o apoio dos órgãos autárquicos, onde aliás, os comunistas têm larga representação.

Julgamos por isso que o Alto da Ajuda como zona de utilidade pública pode exercer uma função social permanente na nossa capital e deve poder estar anualmente disponível para a Festa do «Avante!».

De resto, deve ser aqui sublinhada a boa-vontade dos serviços camarários e dos próprios serviços florestais do Parque do Monsanto em múltiplos aspectos da implantação da Festa, boa-vontade que queremos aqui realçar.

Com o mesmo espírito de abertura continuamos a contar com tudo isso para a Festa de 1984.

Como se compreende, a realização de uma iniciativa da envergadura da Festa do «Avante!» não poderia ter o sucesso habitual sem a colaboração de outras entidades e serviços oficiais.

Os Bombeiros de Campo de Ourique mais uma vez nos deram uma inestimável colaboração num trabalho eficiente e árduo, em ocorrências naturais numa tão grande aglomeração de pessoas.

O mesmo para a Brigada de Trânsito da PSP de Lisboa que sempre se vê a braços com problemas complexos de circulação e estacionamento de viaturas.

Às duas corporações manifestamos o nosso reconhecimento.

Amigos e Camaradas: a Festa do «Avante!», grande jornada de massas estreitamente vinculada à situação política que vivemos e aos seus desenvolvimentos previsíveis, grande realização democrática e local de debate dos grandes temas da actualidade é também

um memorial de factos e acontecimentos relevantes e sempre uma grande parada de cultura popular.

Este ano tivemos como pontos fortes as comemorações da revolução de 1383/85 — o «25 de Abril» do seu tempo — do centenário da morte de Karl Marx e a realização da 4.ª Bienal de Artes Plásticas.

E, naturalmente, a canção e a música nas formas mais directas de intervenção na luta, na vida e na cultura do Povo.

Este ano pudemos contar com a participação de muitos dos melhores criadores e intérpretes do novo cancioneiro nascido com a Revolução de Abril; com grupos populares regionais que em número de 56 trouxeram à nossa Festa expressões das mais ricas do folclore nacional; com cultores e inovadores do Fado — do Fado de Abril — com bandas musicais que exprimem e condensam manifestações de cultura popular das mais sugestivas da vida local.

Tivemos de novo a participação destacada de alguns nomes grandes da canção internacional, de agrupamentos musicais e do folclore internacional, de grande valor, que deram à nossa Festa uma marca de distinção e qualidade.

O desporto passou a ser uma manifestação habitual marcante e cada vez mais participada da Festa do «Avante!». A festa é um factor de animação desportiva e popular em todo o País durante meses que têm o seu fecho no próprio recinto do Alto da Ajuda.

Nas diversas provas atléticas visando a exibição na Festa participaram mais de 5000 atletas, equipas de futebol de sete masculinas e femininas, ginastas, praticantes das diversas formas de luta.

Um realce particular queremos dar à participação de qualificados ginastas de renome internacional da União Soviética, da República Democrática Alemã, da Checoslováquia.

A todos os que animaram a nossa Festa e lhe deram uma contribuição decisiva para o seu êxito queremos aqui manifestar a nossa muito grande admiração, o nosso muito e muito grande reconhecimento.

Duas grandes questões de carácter universal quisemos que impregnassem mais uma vez a Festa do «Avante!»: a Paz e a solidariedade internacional.

Embora num recinto fechado a Ronda da Paz representou uma inequívoca posição de centenas de milhares de portugueses de indefectível amor à Paz e à Vida, de repúdio do suicídio nuclear para o qual os loucos fautores de guerra dos Estados Unidos, capitaneados por Reagan, pretendem criminosamente arrastar a Humanidade.

A Paz e o Internacionalismo são inseparáveis. A Festa do «Avante!» exprime esta irrefutável unidade.

É, por isso, significativa a honrosa presença na nossa Festa das delegações de 36 órgãos da imprensa operária e progressista internacional, do jornalismo da verdade e da responsabilidade que imprimem à Festa do «Avante!» a sua marca mais autêntica e viva da solidariedade internacional.

Vários outros que não puderam estar presentes enviaram-nos solidárias palavras e saudações. Alguns não puderam passar as fronteiras do Aeroporto. Por reaccionarismo e por estreito sectarismo das autoridades portuguesas responsáveis não foi possível estarem connosco nesta tribuna o camarada delegado do órgão central da OLP e o representante da Revista Internacional de nacionalidade indiana.

As dificuldades levantadas para alguns outros acabaram por ser vencidas e assim é possível ter aqui entre nós representantes da imprensa operária e progressista internacional oriundos de países socialistas, de países do Terceiro Mundo e de países capitalistas.

Saudamo-los com alegria aos nossos convidados: do Afeganistão, da Alemanha Democrática, da Alemanha Federal, de Angola, da Argélia, da Argentina, de Berlim Oeste, do Brasil, da Bulgária, de Cabo Verde, da Checoslováquia, do Chile, da Coreia do Norte, de Cuba, de Espanha, de El Salvador, da Etiópia, de França, da Grécia, da Guiné-Bissau, da Hungria, da Itália, do Japão, da Jugoslávia, do Líbano, de Moçambique, da Mongólia, da Polónia, da Roménia, da República Sarauí, de São Tomé e Princípe, da Suécia, do Uruguai, do Vietnam e, naturalmente, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Daqui queremos exprimir a nossa solidariedade internacionalista e activa aos povos irmãos de Angola e Moçambique que sofrem na sua carne e na sua terra as traiçoeiras provocações terroristas e armadas dos racistas e fascistas da África do Sul opressores do povo da Namíbia; ao povo irmão de Timor Leste na pessoa do representante da Fretilin que aqui se encontra na nossa tribuna.

Saudamos a luta heróica dos povos de El Salvador e da Nicarágua, dos povos da Palestina e do Líbano; do heróico povo do Chile, que precisamente há dez anos perdeu a liberdade e hoje se levanta em massa contra a odiosa ditadura de Pinochet.

Para todos os camaradas e povos que lutam contra a opressão e a repressão imperialista e fascista os nossos profundos sentimentos de solidariedade.

Camaradas e Amigos
presados convidados
estrangeiros

A nossa Festa vai terminar. Ela encheu de alegria e confiança todos os democratas e patriotas e fez encher de raiva os inimigos da democracia e da liberdade.

Os reaccionários e certos círculos do anticomunismo envergonhado propalaram que o PCP estava remetido ao silêncio, que o nosso grande e glorioso Partido sofria de quebra de militância.

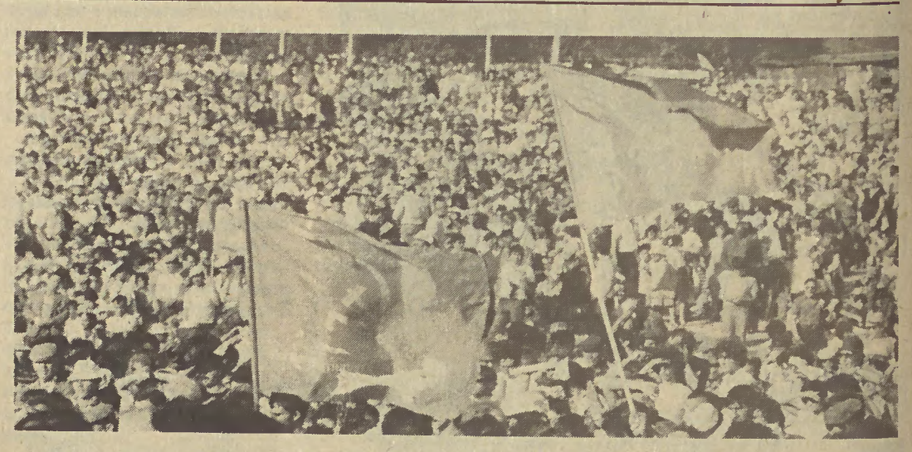
A resposta está clara, não é verdade, camaradas?

O silêncio foi tão retumbante que ecoou por Portugal inteiro e trouxe à nossa Festa mais portugueses do que nunca de todas as regiões do País.

Esta magnífica Festa, este maravilhoso trabalho saído da dedicação ilimitada e do poder criador de muitos milhares de camaradas é a mais concludente resposta do PCP a estes profetas da desgraça sem sorte nenhuma.

Viva a Festa do «Avante!»!
Viva o Partido Comunista Português!

Até para o ano camaradas!



Festa do Avante!

Centenário de Marx
— Colóquio no Forum

O pensamento e a obra de Karl Marx, no primeiro centenário da sua morte — um tema de viva actualidade a que a Festa do «Avante!», festa da classe operária e dos trabalhadores, deu um significado especial.

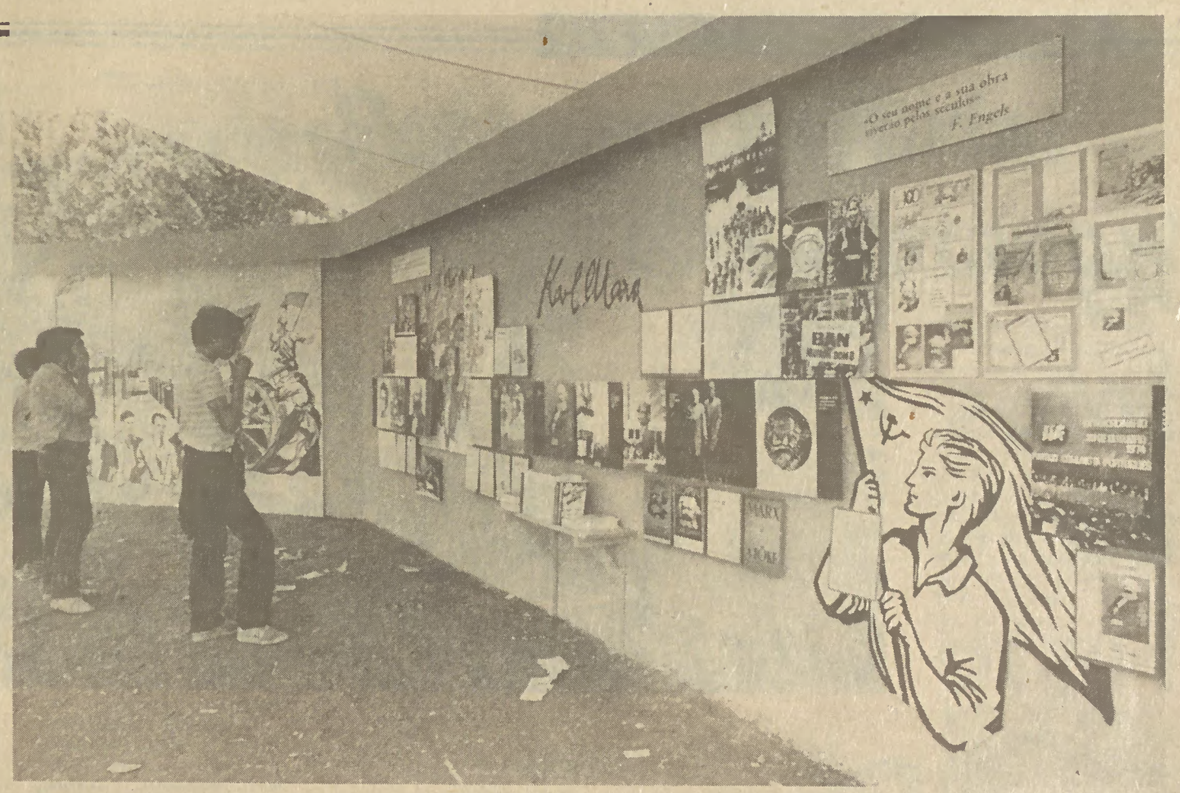
Um significado patente tanto no «monumento» inédito localizado no núcleo central da Festa — na zona da Bienal, do pavilhão sobre a Revolução de 1383 e da exposição política — como nas múltiplas referências incluídas nos certames das Organizações do Partido.

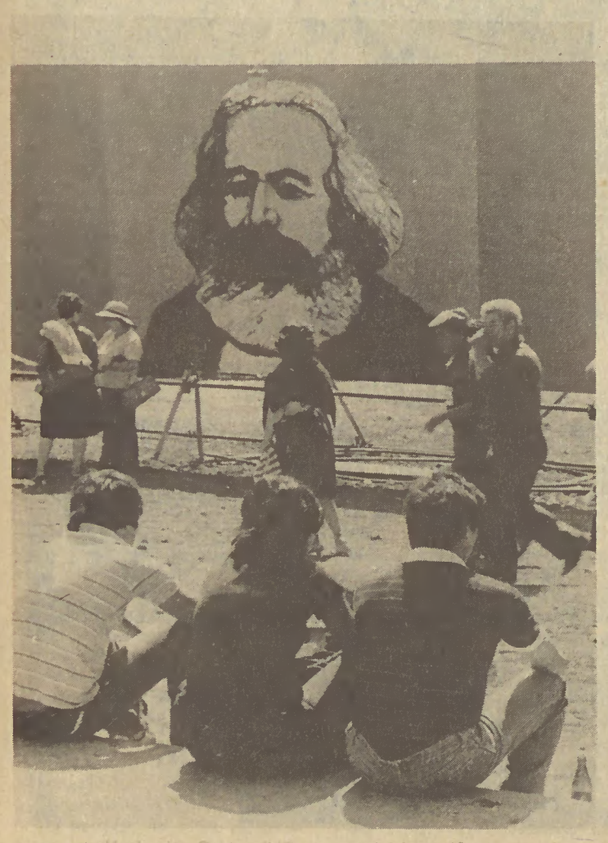
Espaço aberto, de passagem, em que o visitante penetrava, o «monumento» a Marx na 8.ª Festa do «Avante!» abria com uma pequena placa de mármore contendo a efígie do filósofo alemão e as datas do seu nascimento e morte. Depois, era o acesso a uma zona relvada, com dois mastros de bandeira, onde, no momento da abertura da Festa, no dia 9, subiram as bandeiras nacional e do PCP. Duas paredes em forma semi-circular, corpo central do monumento, continham dois murais alusivos ao marxismo e ao progresso social e uma breve exposição documental e bibliográfica sobre Marx e alguns aspectos da sua época e da sua obra.

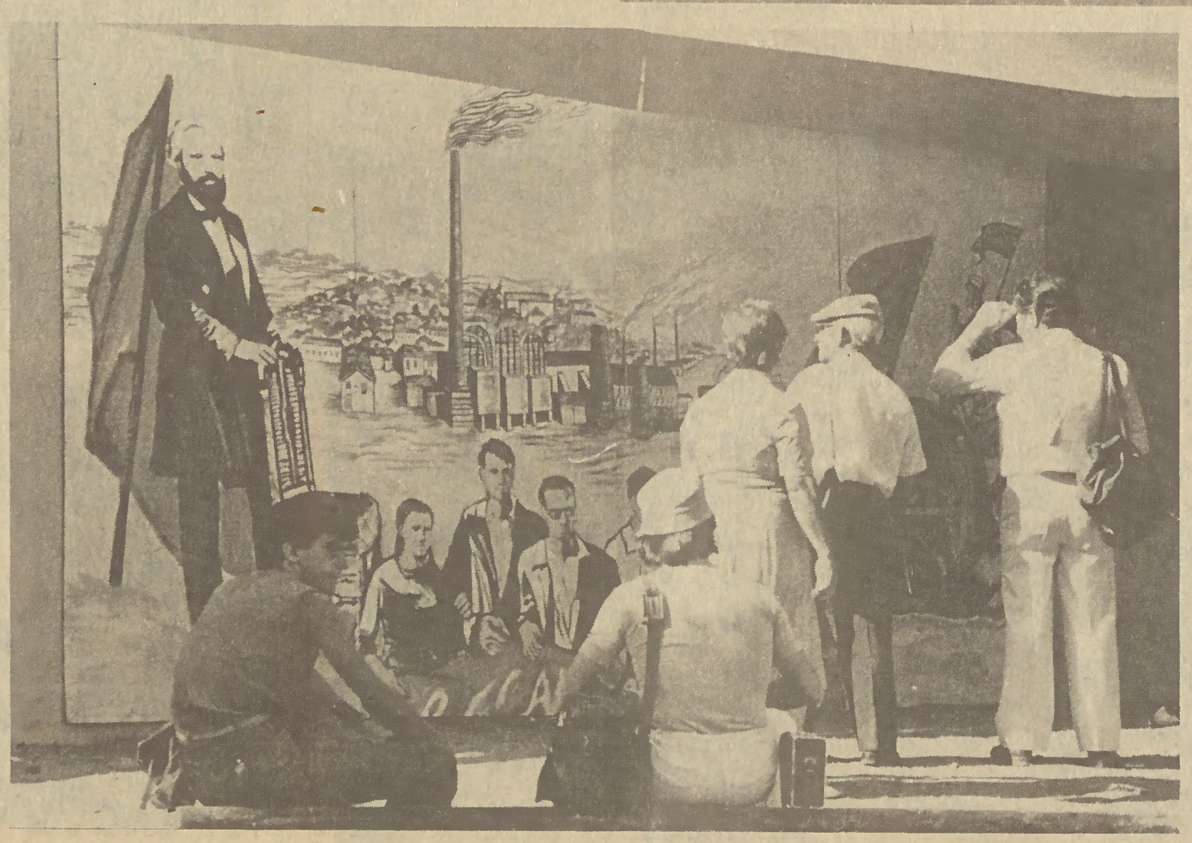
Ainda no âmbito da evocação da efeméride, decorreu no Forum da Festa do «Avante!» um interessante colóquio moderado pelo camarada Manuel Gusmão, professor universitário membro do Comité Central, estando também presentes na mesa António Melo e Barata Moura, igualmente professores universitários, e Florival Lança, membro da Coordenadora da União dos Sindicatos de Lisboa (USL) e do Secretariado da CGTP-Intersindical Nacional.

No decorrer do colóquio foram abordadas as contribuições fundamentais de Marx para a história do pensamento e da acção social e o desenvolvimento histórico posterior do marxismo e a actualidade do pensamento de Marx que se manifesta na transformação revolucionária do Mundo.

O marxismo como guia de acção, instrumento de análise e de acção política (e não como um receituário) foi igualmente tema discutido na sessão.







600.º aniversário da Revolução de 1383-85

● Em toda a Festa, a «mensagem» dum período riquíssimo de luta de classes e de heróicas acções revolucionárias de massas

A evocação de 1383 esteve praticamente em toda a Festa, esta a primeira ideia que achamos por bem salientar neste comentário. A segunda é que face às iniciativas e à imaginação que acompanharam esta presença histórica no grande convívio popular da Ajuda, o público, diversificado e numeroso, aderiu com entusiasmo e com profundo interesse ao programa evocativo que lhe era proposto.

Os 600 anos sobre o início da grande revolução burguesa, popular e nacional de 1383-1385, «um dos acontecimentos capitais da nossa história pátria, período riquíssimo da luta de classes e de heróicas acções revolucionárias de massas» (1), foram, pois, tema particularmente em foco na 8.ª Festa do «Avante!», com múltiplas referências, análises, comentários, animação cultural e artística, envolvendo largos milhares de portugueses, que, em festa e convívio, tomaram contacto, recordaram e falaram dum «património inalienável das melhores tradições progressistas do povo e da nação portuguesa» (2).

Especialmente nas escolas, todos ouviram já falar do Mestre de Avis, de D. Nuno Álvares Pereira, da invasão de Portugal por Castela, da batalha de Aljubarrota, da construção do Mosteiro da Batalha, etc. A Festa recordou essas personagens e factos mas **salientou** o papel da «arraia miúda», dos peões nas batalhas, do povo de Lisboa e das outras partes do país que defenderam a independência nacional, dos vilãos e da burguesia, do movimento popular e revolucionário que alastrou na sequência de prolongada e diversificada luta de classes durante a 1.ª dinastia.

Embora presente um pouco por toda a Festa, a evocação de 1383-85 assumiu especial significado no núcleo central, num espaço próprio localizado junto da IV Bienal de Artes Plásticas.

Nesse espaço, e durante três dias, muitos foram os visitantes que acompanharam as iniciativas culturais aí realizadas, designadamente as representações do Grupo de Campolide (cenas da peça «1383», de Virgílio Martinho), as sessões com António Borges Coelho («Lisboa e 1383»), camarada que deu um importante contributo para a concepção do pavilhão e para as iniciativas e a abordagem do tema histórico ali realizados; Armando de Castro («O Porto em 1383»), Fernando António («Arte Portuguesa após 1383»), Óscar Lopes, e Carlos Aboim Inglês («1383 e a actualidade»). Os diálogos com Virgílio Martinho e Joaquim Benite, a leitura de textos de Fernão Lopes, genial cronista da Revolução de 1383, de autores portugueses contemporâneos e ainda de cenas da peça de Jaime Gralheiro «Arraia Miúda» por Carlos Santos, Carmen Santos, Mário Jacques, Rogério Paulo, Mário Pereira, Jaime Gralheiro, António Montez, António Rama e Vieira de Almeida, foram também momentos de especial significado.

No capítulo das exposições, o pavilhão sobre 1383 apresentava uma breve amostra com a reconstituição de peças de vestuário da época, uma colectânea de quadros da autoria de Rogério Ribeiro alusivos ao tema; vários painéis com citações da «Crónica de D. João I», de Fernão Lopes e uma cronologia, intitulada «Desta guisa aconteceu...», com os principais acontecimentos do período histórico vivido desde o assassinato do Conde Andeiro no Paço da Rainha e a insurreição do povo e concelho de Lisboa (6 de Dezembro de 1383) até à assinatura do tratado de paz entre Portugal e Castela (31 de Outubro de 1411).

O pavilhão de 1383, visitado pormenorizadamente por pessoas de todas as idades, conheceu ainda a animação do vídeo, graças à instalação de vários aparelhos de TV, da projecção de diapositivos (iluminuras, gravuras da época, textos históricos, monumentos, etc) e ainda dum écran gigante para projecção de um interessante diaporama alusivo à efeméride.

De Aljubarrota a Lisboa...

«Os nossos estão deste lado, não é?». A resposta era feita pela criança, quase em bicos de pés, uma mão bem agarrada ao pai, a outra apontando energicamente para a maqueta da batalha de Aljubarrota. Aconteceu num pavilhão da DORLEI – Leiria, onde, a um canto, a reconstituição da batalha travada em 14 de Agosto de 1385, com pequenos bonecos de barro, mobilizava a curiosidade de muitos. Ainda no referido pavilhão da DORLEI o visitante da Festa encontrava um mapa com a localização da batalha de Aljubarrota, painéis com citações da obra «As lutas de classes em Portugal nos fins da Idade Média», de Álvaro Cunhal, e, finalmente, um conjunto de textos ilustrados subordinado ao tema «**As Padeiras de Aljubarrota**», evocativo das lendas e tradições de luta e coragem de mulheres portuguesas, em particular contra a invasão castelhana. Nesse conjunto evocativo, referiam-se os nomes de Joana Fernandes, Maria de Sousa e Brites d'Almeida.

A Revolução de 1383 era também lembrada na Festa numa grande torre da DORL – Lisboa, na reconstituição duma taberna lisboeta de fins do século XIV, em mapas, painéis e numa planta da cidade assinalando os principais acontecimentos da insurreição popular em Dezembro de 1383.

A reconstituição duma praça alentejana medieval e de torres dum castelo imaginado na zona da DORA – Alentejo davam ainda o «tom» à evocação na Festa do «Avante!» dos acontecimentos históricos de 1383-85, que **«constituem uma valiosa lição concreta sobre o papel decisivo das massas numa revolução,** demonstração brilhante da energia, combatividade e capacidade do povo trabalhador na sua luta secular contra os exploradores e opressores. Portugal inteiro desde Entre Douro e Minho ao Algarve, Lisboa, Porto, todo o Alentejo, foram palco de inúmeros feitos revolucionários colectivos exemplares, onde emergiram notáveis figuras de heróis populares. **O seu ensinamento e memória não deverá ser e não será esquecido pelos seus irmão actuais, os trabalhadores e o povo do Portugal de Abril»** (3)

Notas 1,2 e 3: passagens da Resolução da Comissão Política do Comité Central do PCP, de 15.6.83.

«É Portugal que se levanta através da arraia miúda»

O momento é crucial, a História portuguesa vai levar um abanão, 1383, o ano. Dezembro, o mês. Seis o dia. Há seiscentos anos que o povo de Lisboa ergueu a sua generosa e nunca recusada voz. Vem em força para a rua. A pedido do Mestre de Avis, vem em magote aos paços da rainha, percorre a cidade, impõe a sua justiça, obriga depois os dirigentes burgueses a avançarem quando já queriam recuar. Convence o Mestre a não desertar do posto de chefe revolucionário.

O Andeiro, chefe político da reacção, morre às mãos do Mestre. Leonor Teles, a rainha viúva, foge dos seus paços. Com a morte do Andeiro e a fuga da rainha a reacção fica sem cabeça. Opta pela traição. Enfileira pelo exército estrangeiro. A isto o povo responde em uníssono. Não só em Lisboa, também no Porto, sobretudo no quente chão alentejano. É Portugal que se levanta através da sua arraia miúda.

No Largo de S. Domingos, em Lisboa, o Mestre é eleito Defensor e Regedor do reino. O primeiro passo político do novo poder. E mais uma vez é o pequeno que tem a palavra. É um tanoeiro que puxa do seu cutelo, perante a hesitação de fidalgos e burgueses. Foi depois Presidente da casa dos Vinte e Quatro, uma associação de profissões, no fundo uma associação operária. Portugal mudava. A arraia-miúda lutava por essa mudança.

Um vento de justiça atravessou Portugal. Doravante, os antigos senhores não mais seriam os mesmos. Mas era preciso consolidar o novo poder para melhor defesa da pátria. O castelhano vinha a passo estugado repor a ordem apeada. Nuno Álvares comanda o exército português.

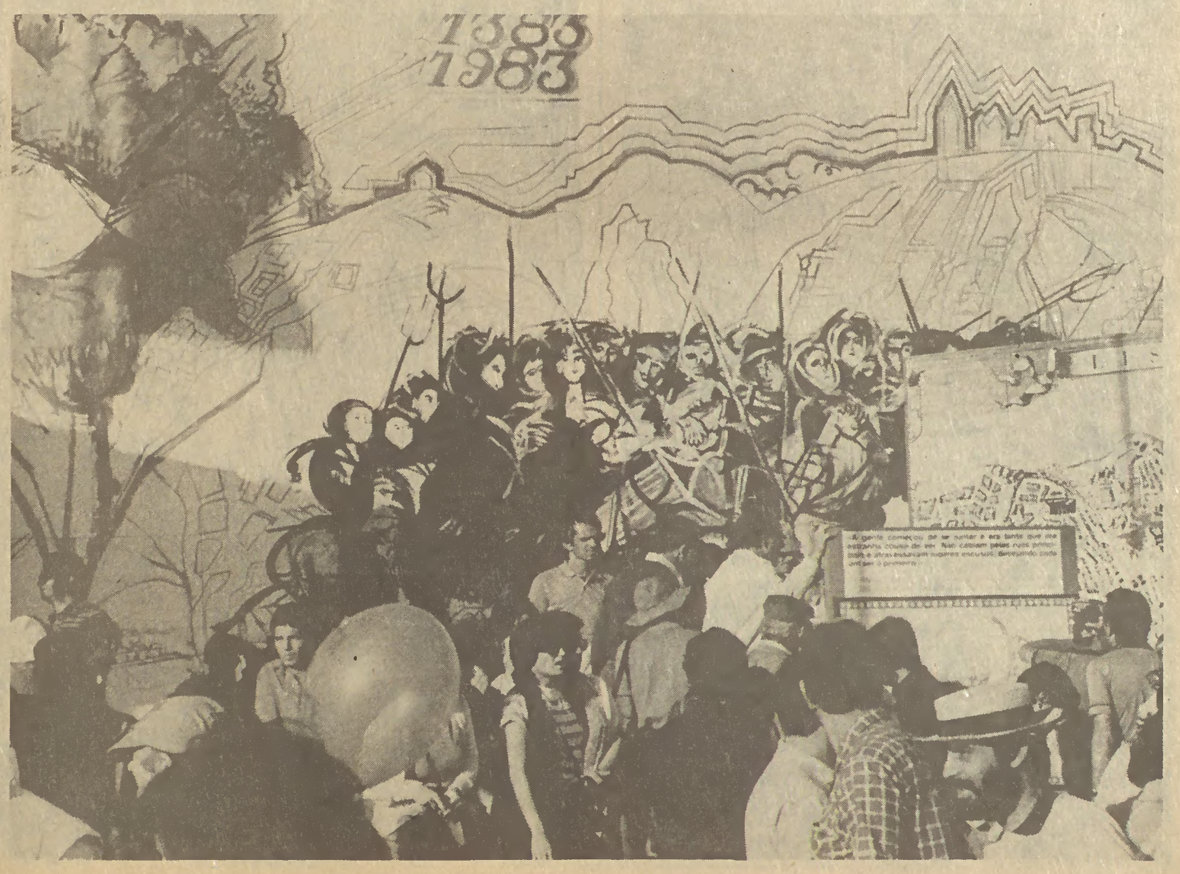
O Mestre é rei nas cortes de Coimbra. João das Regras, enteado de Álvaro Pais, o cabeça da revolução, é o seu advogado.

Marcha-se para Aljubarrota. Trava-se a batalha. O vilão recebe na ponta da sua lança o peito do cavalo castelhano. O camponês, com a sua gadanha, degola o inimigo nos campos ao redor. O soldado que combate pé-terra disse a sua palavra, esta também nova. Como já a tinha dito nos Atoleiros. Isto é 1383. Uma guerra sem quartel, não fidalga, não convencional. Uma guerra que quer dizer mudança. O rei castelhano, derrotado, foge e verte a lágrima real não por perder a batalha, por tê-la perdido com chamorros e mercadores.

Que ninguém esqueça e lembre a seus filhos e netos que só pela união e concerto dos melhores de nós foi possível derrubar uma governação cuja política nos levaria à vassalagem do estrangeiro e por fim à perda da nossa própria nacionalidade. A luta que travámos e levámos a bom termo fez de nós um povo independente e livre. Que doravante seja esta a lei da nossa conduta e o anseio supremo do nosso desígnio. Palavras do Mestre, depois rei, de nome João, o de boa memória.

E como de memória se trata que se lembre aqui o nome de Fernão Lopes, o cronista destes acontecimentos, como figura a quem devemos, pela sua escrita e inteligência, muito do que somos como povo e do que devemos continuar a ser.

Virgílio Martinho



Proletários de todos os países: UNI-VOS! Avante!

Festa do Avante!

As fotos da Festa

Festa do Avante!

O «grande gosto» da IV Bienal

O camarada Manuel Gusmão, na sua nota introdutória ao catálogo da IV Bienal das Artes Plásticas na Festa do «Avante!» considerava a dado passo: «entre a arte que se encontra na Bienal e a(s) arte(s) que se dissemina(m) e enforma(m) a cidade da Festa, um movimento de vaivém se estabelece que nos repete: a arte é habitável, elemento e condição de habitabilidade».

A arte é habitável. Sendo-o, nunca o foi tanto no nosso País como nas Festas do «Avante!». São centenas de milhares de pessoas, em cada edição da Bienal, a percorrer um itinerário estético na maior parte dos casos completamente desconhecido e oferecendo sem dúvida um espaço ímpar entre as manifestações da vida artística nacional. Visitantes e visitados realizam ali o seu maior encontro nacional: de um lado uma multidão de milhares de pessoas, muitas até aí estranhas ao convívio com a arte, do outro inúmeras obras de artistas portugueses utilizando diferentes materiais, diversas técnicas, variadíssimas formas, num confronto de diversas sensibilidades, no encontro saudável entre artistas conhecidos e desconhecidos.

Este ano a IV Bienal de Artes Plásticas da Festa do «Avante!» foi um novo sucesso e, mais que isso, um sucesso sobre si própria, no que soube reformular, engrandecer e racionalizar face a anteriores edições.

Referia o catálogo: «Independentemente de escolas, tendências, estilos ou correntes estéticas, e das formas que assumissem as obras, procurámos que a exposição constituisse um conjunto variado e estimulante». Era-o, sem dúvida, enfileirando nomes consagrados e desconhecidos numa amostragem que, nas multidões que ininterruptamente a percorreram, provocava um interesse sempre renovado, tantas vezes recapitulado, nunca desatento.

Os comentários surgiam, aqui e ali dividiam-se opiniões, atenções concentradas procuravam, em nítido esforço de descoberta, encontrar um nexo, uma interpretação, a muleta da legenda. Outros deixavam-se penetrar pela cor, o volume e as formas expostas demarcando territórios de observação próprios. Outros, ainda, fluíam com espanto e pressa através de um mundo que, de qualquer modo, lhes deixou de ser completamente estranho.

Foi sobretudo na apreciação destes comportamentos que a nossa reportagem se deteve. Para colher, numa visão de conjunto, a extraordinária impressão de se estar a assistir ao nascimento de qualquer coisa: talvez não ainda o amor à arte em termos de massas, numa das suas expressões que exige familiaridade, habituação estética, curiosidade desperta por contactos que têm de crescer no tempo — mas já, decerto, o vivo espanto de um primeiro contacto com algo que afinal se pode ver, apreciar, ter ali à mão do gosto e do prazer.

Esse foi um dos nossos grandes gostos perante a extraordinária IV Bienal de Artes Plásticas deste ano na Festa do «Avante!».

Reforma Agrária: produtos esgotados!

Queres um balanço das vendas dos produtos da Reforma Agrária? Pois olha para estes montes de caixotes vazios! Estamos o que se chama «esgotados»! Assim nos falou o camarada Joàquim Catarino, do pavilhão de venda do Ribatejo já no domingo à noitinha, último dia de Festa. No pavilhão do Alentejo a mesma coisa, apenas o de Setúbal tinha por lá uns restos, mas o balanço era exactamente esse: o «limpar» completo das toneladas de produtos que a Reforma Agrária levou para venda na Festa, com preços e qualidade sem concorrência.

Isto foi por aqui um vê se avias! — dir-nos-ia ainda o camarada da Pós de Mina, do pavilhão do Alentejo. **As batatas voaram com uma rapidez impressionante, depois foi o resto!**

O resto: fruta, feijão, vinho, legumes, produtos hortícolas, etc., etc., a «voar» ao ritmo da inflação, a ir no fim de contas ao encontro de bolsas cada vez mais magras e que não quiseram deixar escapar a oportunidade de abastecimento a preços ao abrigo da especulação.

Duas breves conclusões deste «fenómeno»: a primeira sobre a importância da produção agrícola em Unidades Colectivas, a segunda das vantagens da venda directa, o que nos remete para o seguinte: como seria bom que deixassem trabalhar a Reforma Agrária em paz e se cuidasse, isso sim, de moralizar os circuitos de comercialização!

Pavilhão da Mulher

O Pavilhão da Mulher voltou a preencher, na Festa, um espaço político-cultural insubstituível, com uma zona de convívio, *stand* de vendas e um bar.

Dando particular relevo à acção e à luta das mulheres portuguesas por uma vida melhor e às propostas do PCP em defesa dos direitos das mulheres, o pavilhão seria também uma zona de convívio, com música e poesia e a presença de mulheres que, de uma ou outra forma, se evidenciaram na actividade social e artística.

A este propósito é de realçar uma particularidade: lá estiveram artesãs a mostrar, «ao vivo», os segredos da sua arte, a dificuldade e a criatividade dos seus trabalhos. Trabalhos que em muitos casos (e como é hábito) lá estavam em exposição para venda ao público visitante, apresentando novidades em pele, verga, louça, etc., que despertariam particular interesse.

Culturalmente interveniente, politicamente atento, abundantemente visitado, o Pavilhão da Mulher cumpriria de novo os seus objectivos: o de se tornar um espaço de diálogo, de encontro, de fraternidade, de alegria. A atestá-lo os animados convívios com artistas e artesãos que decorreram no sábado e no domingo, o fluir dos (e das) visitantes ao ritmo da vontade de estar ali.

Cidade da Juventude um caminho do futuro

Lá bem no topo da Festa, ligeiramente à esquerda de quem subia, um arremedo de casa alentejana de paredes branquinhas como só no Alentejo, com debrum azul e uma porta larga que era um convite. Um cheirinho a pão, chouriço, carne de porco com travo de vinho tinto, uns castiços de safões e raparigas de lenços floridos na cabeça davam o toque final no ambiente convidativo a todos os visitantes.

E se havia visitantes! Alegres e um pouco loucos, como só os jovens sabem ser; irreverentes, sérios, com grandes jubas ou de cabelo à escovinha, de calças de ganga, calções, minis, tronco nu ou camisolões, formavam uma multidão colorida e bem disposta que não precisou mais do que estar lá para afirmar a sua presença – era a cidade da Juventude, uma presença marcante na Festa do «Avante!»

Lá de cima com o rio, a ponte e a margem sul como pano de fundo, tinha-se a sensação imediata dessa verdade velha como o mundo – os jovens são o futuro. Mas bastava olhar em volta, dar uma mirada à Rádio Paz e ao pavilhão que a envolvia para sentir o mesmo nas mensagens expressas. **Não** à guerra, **não** à corrida aos armamentos, são afinal palavras que exprimem um sentimento profundo de amor pela vida, de afirmação da esperança, da certeza de que a paz e a convivência pacífica entre os povos é possível.

Que aquela seriedade andasse de mãos dadas com o entusiasmo dos jogos de matraquilhos, as voltas loucas no carrocel, o carrascão alentejano (os entendidos que o classifiquem melhor) ou o som da discoteca (se assim se pode chamar àquele ponto de encontro com a música), nada mais natural. Tudo isso faz parte da juventude e da sua maneira própria de afirmar «estamos aqui e têm de contar connosco».

Claro que seria impossível não dar por isso já que jovens era o que mais havia na Festa do «Avante!» Nos recintos dos espectáculos, nos restaurantes, nas bichas das farturas, em volta das quermesses, no Forum, na Bienal, no pavilhão de 1383 e na taberna de 1383, no polidesportivo ou pura e simplesmente a caminho de qualquer coisa, no meio de uma alameda onde paravam para namorar esquecidos da multidão, que a juventude tem coisas dessas...

Sem eles a Festa não seria a mesma coisa. Como uma sala vazia ou um baile sem música. E quem esteve na Ajuda pode entendê-lo bem, ainda que tenha achado de doidos andar em tronco nu quando a maioria se enrolava nos casacos contra o vento ou foi pura e simplesmente arrastado no turbilhão de um grupo que entre risos e gritos se apressava para ouvir sabe-se lá o quê.

É que naqueles milhares de jovens que passaram pela Festa – irreverentes, pois claro – sentia-se a generosidade tão própria da juventude capaz de empenhar a vida nas grandes causas. E a maior de todas, a que nunca deixou de estar presente, é a batalha do futuro. Não o que se aceita pacificamente – o melhor é dizer amorfamente – mas o que se constrói com amor, sacrifício e dedicação. Um futuro melhor, o nosso futuro.

Cidade dos Pioneiros
Lá dentro a alegria

Um pequeno mundo à medida das crianças, por detrás de altos painéis azuis com motivos alusivos à paz — necessidade premente feita vontade dos povos por todo o mundo. É a Cidade dos Pioneiros. Lá dentro a alegria. Crianças pequenas de narizes pintados e grinaldas de papel ao pescoço. O inevitável «parque infantil», com cavalinhos de mola e, para os mais arrojados, um «teleférico» miniatura. E o carrocel, sempre cheio. O cantinho das leituras com os livros que todos podem consultar, as pequenas oficinas — também para os pais... Os sumos, as sandes, os bolos, no bar. A venda das pequenas lembranças feitas por mãos infantis — aqui «vale mais o seu dinheiro». E até os motivos históricos, celebrando datas que todos assinalamos este ano. Com o clássico cavalinho de pau a recordar os meninos de 1383.

Mas a presença infantil — constante de qualquer festa popular como inequivocamente o é a Festa do «Avante!» — não se resumiu aos jogos, à actividade, ao cantinho próprio na Cidade dos Pioneiros. Tão pouco ao deambular pela festa, por mãos de amigos ou familiares, ou «à solta», conforme as idades.

Foi uma realidade marcante e activa também na Ronda da Paz.

E teve não só um espaço próprio, mas também uma manhã dedicada ao espectáculo infantil. Três palcos funcionaram na manhã de domingo com programas destinados à gente miúda. Com a participação de adultos, naturalmente, mas também de grupos infantis. Uma grande Festa de gente pequena, inserida na Festa.

Festa do Avante!

Ginástica internacional

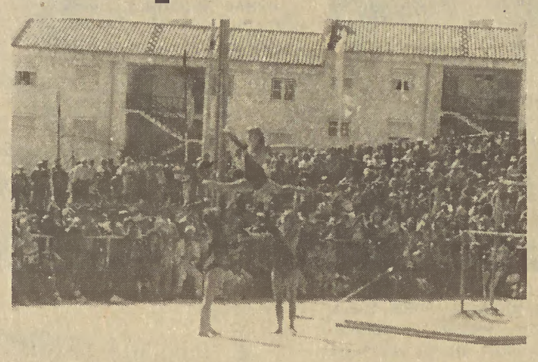
— êxito no Palco 25 de Abril e nos dois festivais da Cidade do Desporto

A ginástica internacional de alto nível foi de novo ponto alto da Festa do «Avante!», reunindo o interesse e o acompanhamento caloroso, mesmo estusiástico, de muitos visitantes.

O Palco 25 de Abril (na primeira noite da Festa) e o recinto polivalente da Cidade do Desporto (dois festivais: um no sábado à noite e outro no domingo de manhã) foram cenários duma movimentação rica de harmonia, cor, ritmo, beleza e precisão técnica.

Nesta sua 8.ª edição, a Festa do «Avante!» foi também uma festa de ginástica, que contou com a participação de jovens atletas da União Soviética (com uma selecção da Bielorrússia), República Democrática Alemã, Checoslováquia e Portugal. Motivos imprevistos impediram a presença de ginastas da Bulgária.

As exibições atingiram elevado nível técnico e artístico, em grupos de qualidade homogénea, podendo, a mero título de exemplo, destacar-se as actuações das soviéticas Tamara Akimtshenkova (rítmica) e Larissa Amiltchuk (desportiva). Ainda da selecção da Bielorrússia (República Soviética com capital em Minsk, cidade olímpica), refiram-se as participações de Sergio Titov (desportiva) e do par de acorbática Vladimir Prokhrenki e Inna Balneva. A selecção da Bielorrússia que tivemos oportunidade de ver em acção era dirigida por Vladimir Sobol e veio acompanhada dos treinadores Alexei Kudria e



Victor Komutov, do quadro de treinadores da selecção nacional.

Na representação da RDA, que à semelhança da URSS e da Checoslováquia, apresentou atletas de craveira internacional, as atenções dirigiram-se naturalmente para a medalha de prata dos Jogos Olímpicos de Moscovo, Steffi Kraker (desportiva). Inna Koppe foi, entre outras, uma ginasta que mereceu fortes aplausos do público. A delegação da RDA era dirigida por Martin Kramer e pelo professor doutor Joanes Eisman, da Universidade de Leipzig.

O grupo da Checoslováquia, que se apresentou em ginástica rítmica, era dirigido pela treinadora Ana Sitianskaia, da selecção nacional, antiga bi-campeã do Mundo. As atletas checoslovacas, entre as quais Zaveska e Julova, que actuaram no Alto da Ajuda, pertencem à equipa nacional, várias vezes medalhada em competições internacionais.

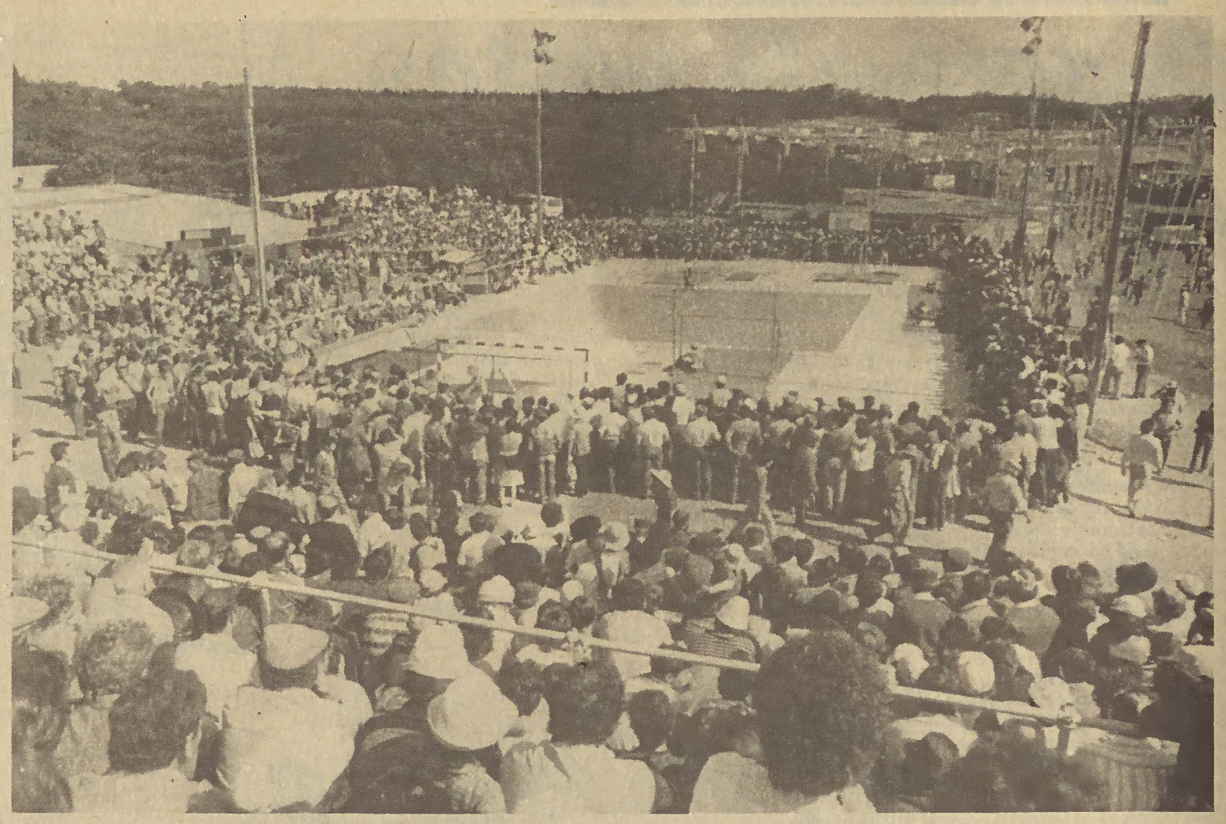
O grupo de ginastas portugueses participantes nos festivais internacionais da Festa era constituído por elementos da selecção nacional, dirigidos pelo ginasta Virgílio Almeida.

No festival de encerramento, realizado no domingo de manhã, com numerosa assistência, foram distribuídas lembranças aos ginastas participantes, numa cerimónia simples mas repleta de significado. A entrega das recordações da Festa foi feita pelo vice-presidente da Federação Portuguesa de Ginástica, tenente-coronel Vargas Cardoso, pelo secretário-geral da mesma Federação e pelo professor João Galacho, responsável do programa desportivo da Festa.

Saliente-se, finalmente, a colaboração prestada pela Federação Portuguesa de Ginástica, que tornou possível, nas melhores condições técnicas, a realização do programa desportivo no tocante à modalidade.

Durante a sua curta estadia entre nós, os atletas estrangeiros acederam a realizar um treino aberto à participação de treinadores e ginastas portugueses, que decorreu nas instalações do ISEF na Cruz Quebrada, no último sábado de manhã.

Num ambiente de grande abertura e simpatia, os ginastas e técnicos da URSS, RDA e Chevoslováquia desvendaram os seus «segredos» em explicações seguidas com natural interesse pelos presentes, em número significativo. Estas acções de informação técnica promovidas no âmbito do programa desportivo da Festa são de realçar, em especial pelos benefícios que podem trazer ao fomento e melhoria da modalidade entre nós.



Festa desportiva!

Festa do «Avante!» foi de novo sinónimo de festa desportiva e de jornada em prol do ***Desporto*** *como* ***Direito do Povo****.*

Uma Festa que também neste campo assinalou um reforço significativo em termos de ***qualidade, condições*** *e* ***participação****.*

A Festa, que também através de várias modalidades desportivas havia já sido anteriormente divulgada em diferentes pontos do País, viveu momentos altos nos festivais internacionais de ginástica, nas finais dos torneios de futebol (masculino e feminino), nas demonstrações de diversas modalidades por clubes e associações, nas finais dos torneios de malha, das damas, na simultânea de xadrez com o Mestre Internacional Ubilava, etc.

A Festa viveu momentos altos num polivalente com melhores condições para o público (mais lugares sentados nas bancadas) e para os atletas (com vestiários melhorados e balneários). Um polivalente com outro piso e iluminação mais adequada.

Também no campo desportivo, também na Cidade do Desporto (onde não faltaram o bar e o balcão para venda de materiais desportivos), a Festa teve maior beleza e projecção. E, desde já, uma certeza: ***para o ano será ainda melhor!***

Futebol masculino

Um jogo de emoção e «garra» na finalíssima do torneio

● Juventude Vermelha (Lisboa) venceu «Os Cravos» (Faro) por 2-1

A «Juventude Vermelha», de Lisboa, foi a equipa vencedora do Torneio Nacional de Futebol de Salão masculino da Festa do «Avante!» – 1983.

No jogo derradeiro da fase final, disputada na Cidade do Desporto, na última noite da Festa, a turma lisboeta, oriunda do Bairro Madre de Deus, venceu por 2-1 a equipa algarvia «Os Cravos», de Faro.

O encontro, que decorreu num espírito de entrega total dos jogadores, na procura do melhor resultado possível, reuniu todos os «ingredientes» duma grande final, em festa e em convívio.

Foram 40 minutos de jogo vivo, corrido, com boa troca de bola e com alguns apontamentos de bom futebol de salão, frequentemente sublinhados pelos aplausos duma assistência que não se intimidou pela temperatura fresca que se fez sentir no domingo à noite, no Alto da Ajuda.

Final do Torneio «Avante!» – 1983, em futebol de salão masculino.

Jogo no recinto polivalente da Cidade do Desporto, com início cerca das 22 horas. Noite fria. Assistência razoável nas bancadas.

Árbitro: Francisco Baptista, de Santiago do Cacém.

A constituição das equipas (jogadores em campo e no banco):

«Juventude Vermelha» – Adérito, Fernando Santos (cap.), Oliveira, Zé Costa, Carlos Monteiro, Henrique, Edmundo, Rui Araújo, Carlos Pisoeiro e Zé Luís. Delegado: Henrique Oliveira. Treinador: Alfredo Amorim. Adjunto: Manuel Contenssas.

«Os Cravos» – Olívio Santos, Américo, Policarpo (cap.), António Godinho, João Pereira, Faria e Luís Labóia. Delegado e treinador: Damião.

Ao intervalo, empate a zero. Golos aos 32 minutos por Edmundo (J. Vermelha) e 37 por Luís Labóia («Cravos») e Edmundo (J. Vermelha).

O equilíbrio de valores acabou por se expressar no resultado ao intervalo (empate sem golos) e no próprio desfecho final do encontro: vitória tangencial da equipa de Lisboa.

A «história» do jogo pode sintetizar-se na ofensiva atacante mais pronunciada da «Juventude Vermelha», a que respondia sempre um espírito de conjunto da defesa e do contra-ataque algarvio.

Na 2.ª parte o jogo subiu de ritmo e as jogadas de ataque tornaram-se mais acutilantes, registando-se então os três tentos.

Sem querermos entrar numa avaliação às exibições individuais dos jogadores, é justo salientar a excelente actuação dos guarda-redes das duas formações.

A fase final do Torneio «Avante!» registou os seguintes resultados:

Quartos-de-final – C. Cultural da Sé/**Porto**, 0 - Dentécnica/**Coimbra**, 7; Juventude Vermelha/**Lisboa**, 3 - Real Clube de Corroios/**Setúbal**, 2; S. Filarmónica R. e Artística da Amadora/**Lisboa**, 2 - U 13/**Leiria**, 4; Os Cravos/**Faro**, 2 - Mundet/**Setúbal**, 1.

Meias-finais – Dentécnica, 2 - Juventude Vermelha, 3; U 13, 2 - Os Cravos, 3.

Recorde-se que o Torneio «Avante!» – 1983 foi disputado por cerca de 350 equipas em todo o país, tendo decorrido durante algumas semanas as respectivas fases de apuramento, as quais culminaram com os encontros que determinaram as equipas representantes das regiões **Norte, Beiras, Oeste e Ribatejo,** distrito de **Lisboa,** distrito de **Setúbal** e **Alentejo/Algarve**.

A entrega das taças aos capitães da «Juventude Vermelha» e de «Os Cravos», após o encontro da finalíssima, no polivalente da Cidade do Desporto da Festa do «Avante!», coube aos camaradas João Galacho, responsável do sector do Desporto do PCP, e José Paulo Oliveira, da Redacção do «Avante!».

Xadrez

Simultânea

«É a primeira vez que visito a Festa do "Avante!" e estou verdadeiramente impressionado com o vasto programa cultural, político, artístico e desportivo, com o entusiasmo dos milhares de visitantes desde a hora de abertura, com a organização da Festa e com o convívio e a fraternidade que se vivem nestes três dias inesquecíveis» — o depoimento é de Elizbar Ubilava, Mestre Internacional de Xadrez, um dos participantes estrangeiros na 8.ª Festa do «Avante!».

Ubilava, além de jogador, é também o treinador da selecção de Xadrez da República da Georgia, na União Soviética. A equipa de jogadores orientada por Elizbar Ubilava alcançou o 2.º lugar nas últimas Spartakíadas dos Povos da URSS.

Xadrezista com vasta experiência no âmbito da competição e do ensino da modalidade, o Mestre Internacional Ubilava teve oportunidade de realizar uma simultânea na Festa do «Avante!» defrontando mais de duas dezenas de visitantes, um dos quais conseguiu empatar a partida. Nos restantes tabuleiros, o Mestre soviético só obteve vitórias.

Jogo da Ronda

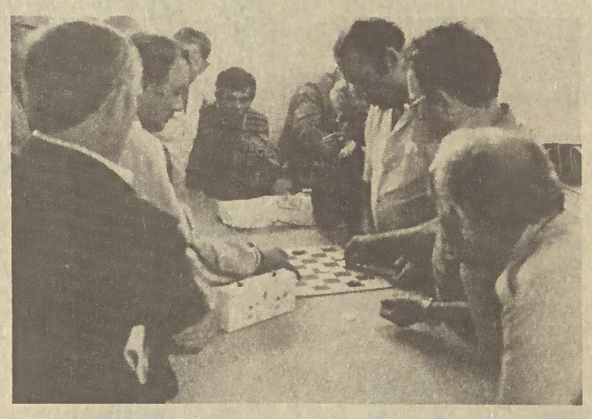
No jogo da ronda que decorreu no pavilhão de xadrez e damas, durante a Festa, a formação de Setúbal, constituída por Vítor Manuel e Augusto Belavista, venceu o par do Seixal.

Sobre a presença do Mestre Ubilava ler notícia na pág. 11

Damas

Silva Pereira vence Medalha da Silva

Jogador bem conhecido nos meios damísticos, José António Silva Pereira, de Almada, fundidor do Arsenal do Alfeite, foi o vencedor do V Torneio Nacional de Damas da Festa do «Avante!», que decorreu no sábado e no domingo, na Cidade do Desporto.



No encontro derradeiro, Silva Pereira ganhou a Medalha da Silva, antigo titular do Torneio «Avante!».

Disputado por mais de meia centena de jogadores, oriundos das mais variadas regiões do país, como Lisboa, Almada, Barreiro, Seixal, Pinhal Novo, Loures, Sintra, Setúbal, Beja, Porto, Guimarães, Leiria, Vila do Conde, Águeda, Montemor-o-Novo, etc., este V Torneio da Festa do «Avante!» registou as seguintes classificações até ao 8.º lugar:

1.º, Silva Pereira; **2.º**, Medalha da Silva; **3.º**, Jorge Gomes Fernandes; **4.º**, Daniel Machado; **5.º**, Lobato Gonçalves; **6.º**, Arlindo Roda; **7.º**, Joaquim F. Preguilha; **8.º**, Vítor Sequeira.

O 1.º recebeu a Taça «Avante!» e uma medalha especial oferecida pela Federação Portuguesa de Damas; o 2.º, a Taça «Avante!»; o 3.º, a medalha especial da Festa; o 4.º, um livro e uma medalha; do 5.º ao 8.º, livros.

A partir dos quartos-de-final, o Torneio jogou-se com relógio, dando assim maior dinamismo e interesse ao desenrolar da competição.

Mário Diniz Vaz, nome que dispensa apresentações para os que acompanham os meios damísticos em Portugal, assegurou de novo um exelente trabalho de organização e apoio ao Torneio. Na breve troca de impressões com o «Avante!», Diniz Vaz salientou a participação na iniciativa — «comparando com o torneio anterior, o número de jogadores subiu de forma significativa» — e a atenção que esta realização da Festa continua a merecer entre jogadores e responsáveis associativos da modalidade. Refira-se a propósito que passaram pelo pavilhão das damas da Festa do «Avante!» o presidente, vice-presidente, tesoureiro e vogais da Federação Portuguesa de Damas e dirigentes da Associação de Setúbal.

Malha

Domínio do Barreiro Moita e Setúbal

Regressado este ano à Cidade do Desporto, o núcleo dos Jogos Populares conheceu uma boa jornada de animação em torno de duas modalidades com profundas raízes em diversas regiões do país: a malha pequena e a malha grande.

Os torneios que decorreram na Festa envolveram um total de cerca de 90 jogadores, organizados em várias equipas.

Na competição de malha pequena/equipas «A», classificou-se em 1.º, lugar o «**1.º de Janeiro**», do Barreiro; e em 2.º o «**Arco Azul**», da Moita.

Ainda na malha pequena, mas em formações «B», a vitória coube ao «1.º de Janeiro», seguido do «**Sempre Fixe**», do Barreiro.

Em relação à malha grande, o 1.º lugar foi alcançado pelo **Bairro Afonso Costa** e o 2.º pela «**Anunciada**». Estas duas equipas são da cidade de Setúbal.

No torneio de malha pequena as equipas eram constituídas por sete jogadores e no de malha grande por oito, sendo dois destes suplentes.

Além do respectivo torneio, a malha grande teve ainda uma fase de demonstração no segundo dia da Festa.

As taças, medalhas e recordações da Festa do «Avante!» foram entregues às equipas pelo camarada António Joaquim, de Almada, que, representando a organização do programa desportivo da Festa, acompanhou a realização dos jogos.

Fufebol feminino

Vitória certa para uma equipa de Setúbal

Que ninguém tenha dúvidas: **elas**, rematam muito mais do que **eles**!

A comprová-lo estão os 17 (dezassete!) golos marcados apenas em dois jogos pela equipa vencedora do Torneio «Avante!» em futebol feminino, modalidade indispensável na vasta programação desportiva da nossa Festa.

A proeza foi conseguida pelas moças duma equipa de Setúbal, os «Pelézinhos», que no encontro derradeiro, no domingo à noite, no polivalente da Cidade do Desporto, goleou a turma "Festa do «Avante!»" por nada menos que 9 a 1. Pela equipa sadina marcaram Alexandra (5), Mónica (3) e Dulce (1). O tento isolado das moças da Festa do «Avante!» foi obtido pela jogadora mais combativa do encontro: Mena.

O jogo foi dirigido por António Conceição, de Santiago do Cacém, e as equipas alinharam com as seguintes jogadoras (em campo e no banco):

Pelézinhos — Arlete, Mónica, Filomena, Dulce, Carla, Alexandra, Margarida, Ana e Anabela.

Festa do «Avante!» — Emília, Cristina, Etelvina, M.ª Helena, Ana Cristina, Paula Cristina, Filomena e Anabela.

A equipa de Setúbal havia já vencido o Clube Desportivo e Cultural da Calçada (Montijo) por 8 a 2.

De referir a título de curiosidade que a equipa **"Festa do «Avante!»**, que também venceu a turma do Montijo, é constituída por camaradas que estiveram no Alto da Ajuda durante os trabalhos preparatórios e de implantação da 8.ª Festa do «Avante!».

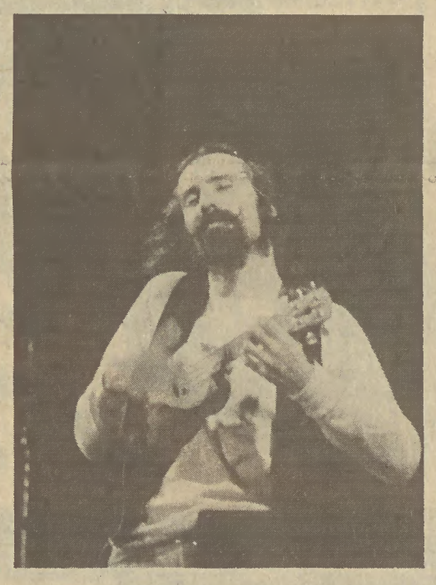
Embora disputada numa noite fria e já perto do encerramento da Festa, a finalíssima do torneio decorreu com vivacidade e determinação, registando-se alguns lances de bom recorte técnico, especialmente por parte da formação setubalense.

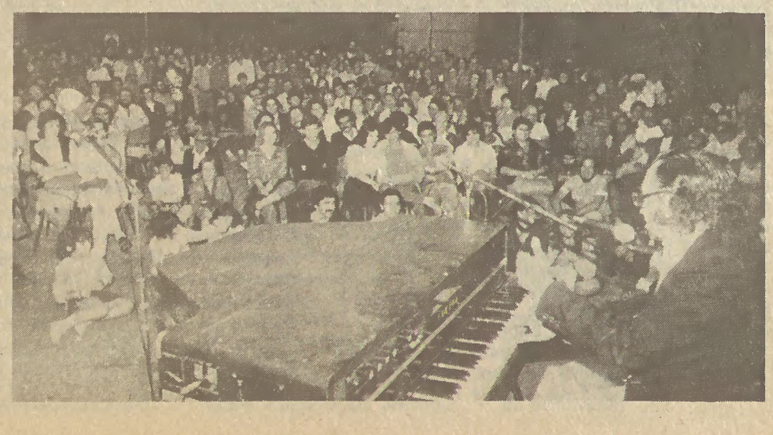
As taças às equipas finalistas foram entregues pelos camaradas João Galacho e José Paulo Oliveira.

Festa do Avante!

Música, arte e espectáculo para todos os gostos

Quatro palcos ao ar livre servindo superfícies de audição gigantescas, dois recintos cobertos (auditório 1.º de Maio e Café Concerto) e um Arraial em sessões contínuas foram alguns dos espaços que durante toda a Festa ofereceram espectáculos culturais para todos os gostos, vindos de todo o País e um pouco do mundo inteiro. Centenas de artistas, quase um dezena de nacionalidades, muitos milhares de «watts» musicais a expandirem-se de monumentais instalações sonoras, podem dar uma ideia da riqueza, grandiosidade e alcance dos espectáculos que, em simultâneo e durante dois dias e meio, habitaram o recinto da Festa do «Avante!»/1983. Do folclore ao fado, do *jazz* à música clássica, do *rock* à canção popular, das bandas aos ranchos folclóricos, passando pelo cinema, a animação, a poesia, o teatro, continuando pelos grupos de zés pereiras, os bailes espontâneos ou os «pés de dança» em recinto próprio, tudo serviu, na Festa, para permitir às largas centenas de milhares de visitantes um encontro exaltante e ao vivo com os seus gostos musicais e artísticos. E a nota mais decisiva para **qualquer** apreciação à complexidade, riqueza e variedade dos espectáculos musicais apresentados na Festa, estará precisamente aí: em que não houve **um único** visitante de qualquer idade que não encontrasse (mais uma vez), no Alto da Ajuda, a expressão viva das suas preferências musicais.





Sei lá! **Então não acha que é um desperdício juntar tanta coisa boa ao mesmo tempo e em tão pouco tempo? Olhe, agora devia eu estar a ver o Carlos Paredes e ainda não cheguei a meio da exposição** (estávamos na Bienal); **ontem não vi a exposição porque queria ver o Júlio Pereira, antes desse quis ver o grupo folclórico da Chamusca (sou daqueles lados), depois fiquei agarrado aos ranchos e lá se foi o Júlio Pereira, no meio disto tudo perdi os cossacos, que já não sei se posso ver logo à noite porque não quero perder os brasileiros, mais ou menos à mesma hora... E as exposições que para aqui há?! Só elas gastavam o tempo todo da Festa! Nã! Devia-se arranjar maneira de prolongar isto, eu sei que deve haver dificuldades, mas sei lá! desmontarem por exemplo as exposições no fim, para as pessoas virem aqui mais uns dias...**

Estas confissões formuladas à nossa reportagem pelo amigo Inácio Rodrigues como quem apresenta uma reivindicação, teriam no entanto outros contrapontos: um grupo de jovens (Pedro, Laura, Teresa, Xico e Nuxa — assim mesmo e sem mais identificações porque «isto chega, não achas?!»), que interpelámos após uma excitante **participação** no espectáculo dos Jáfumegá (vinham suados de tanto dos palcos que previamente escolhiam **(quando chegar a Collins já não andamos para aqui aos empurrões** — confessava-nos um grupo que «acampara» nas imediações da boca do palco 25 de Abril, munidos de montes de sandes de presunto «arranjado ali mesmo ao lado, há ali uma venda do presunto que é uma maravilha, e entretanto escusamos de perder tempo nas bichas dos restaurantes!»).

É claro que era impossível assistir a tudo o que, simultaneamente, se passava em termos de espectáculo na Festa; era no entanto possível — e assim o reconheceria quem abordámos no recinto, fruir o que se queria, já que a quase generalidade dos artistas e grupos actuariam várias vezes, a horas e dias diferentes. Também as diversas manifestações musicais — concertos, bandas, solistas, coros, etc., o teatro, a poesia, o cinema, a animação — estavam estruturados ao longo do programa de forma a permitir inúmeras selecções e «roteiros» pessoais. **«Pois é»**, retorquir-nos-ia ainda Inácio Rodrigues, **«o mal está é que só os espectáculos dão para tomar o tempo todo, se quisermos apreciar devidamente».**

De facto a selecção prévia era indispensável...

Olhe, quer que lhe diga? Não tenho olhos, nem ouvidos, nem tempo para isto tudo! Esta Festa é um enfarta-brutos, um exagero de dois dias e tal que devia levar uma volta! Levar uma volta?! Mas que volta...?! **Mas que volta?** interrogava-se a sorrir-nos Inácio Rodrigues, técnico de vendas de 48 anos a viver há 20 e tal no Barreiro.

pular), definir-nos-iam em três penadas o seu próprio roteiro, pré-seleccionado no programa a marcador verde e sem quaisquer atropelos de horários. Uma única pretensão: **eh pá! assim os horários de palco sejam cumpridos, se não temos de secar à espera que mudem os estaminés!** Outros ainda abancavam frente a um

O vagar da abundância

Mas, como dizíamos atrás, não houve, decerto, um único visitante de qualquer idade que não tivesse encontrado na Festa do «Avante!» espectáculos do seu agrado. E sobretudo todos puderam escolher, com o vagar da abundância, a oportunidade de apreciar «ao vivo» não apenas alguns expoentes da música e do espectáculo nacionais e estrangeiros, mas sobretudo a maior e mais completa amostra cultural que se realiza no nosso país, em termos musicais.

Começando pelo folclore nacional — essa forma de expressão de cultura popular que o fascismo denodadamente pretendeu manipular — este ano com 50 grupos do todo nacional que vieram juntar-se às várias centenas de ranchos, grupos, bandas, etc., que já passaram pelas anteriores Festas do «Avante!», atingindo um património de divulgação que faz inequivocamente das nossas Festas o maior festival de folclore que se realiza em Portugal: Mais uma vez foi ali possível apreciar, a autêntica cultura popular na sua vastidão e diversidade.

As múltiplas expressões da música urbana no nosso País lá estiveram de novo em todos os seus ricos cambiantes: do Fado (de Lisboa e Coimbra) ao chamado «rock português», da canção ligeira à pesquisa etnográfica, dos caminhos do *jazz* em Portugal à música de intervenção. A executá-las, a generalidade dos expoentes artísticos que, no nosso País, trilham sem concessões os caminhos da descoberta.

A poesia, o teatro, a literatura, a música clássica, o cinema, a animação, mereceram os espaços recolhidos, a atenção necessária, os intérpretes, representantes e divulgadores prestigiados com que a Festa há muito nos habituou.

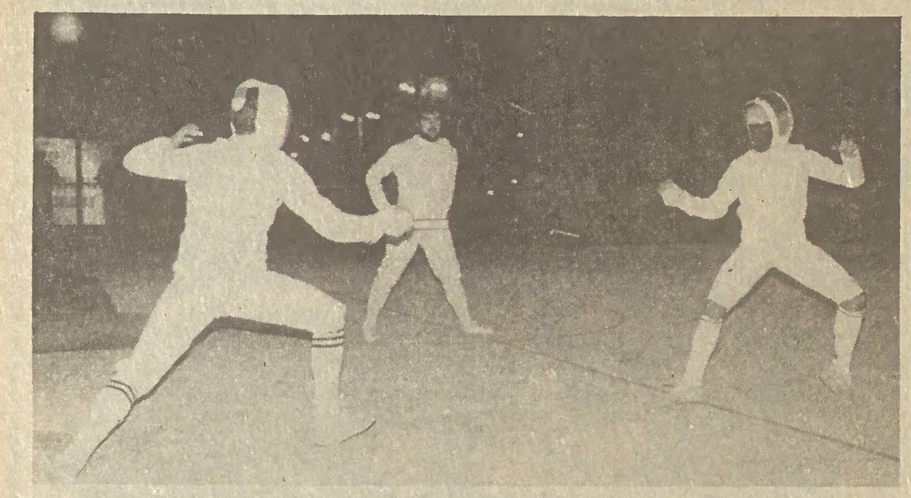
E a música estrangeira, na também já tradicional linha de qualidade que tornou a Festa do «Avante!» um ponto de encontro obrigatório. Se os «pratos fortes» este ano se chamaram Judy Collins (EUA), Luiz Gonzaga e Elba Ramalho (Brasil), pelo que estes nomes representam, nos seus países do mundo capitalista, em termos artísticos e de intervenção cultural, outros vieram igualmente como presença de qualidade e testemunho artístico dos países socialistas: coro dos Cossacos de Cuban (URSS), grupos como «Jazzformation» ou «Westbank» (ambos da RDA), «Olympic» da Checoslováquia, ou «Rajkó» (Hungria); a música africana dos países de expressão portuguesa estaria condignamente representada com Cabo Verde.

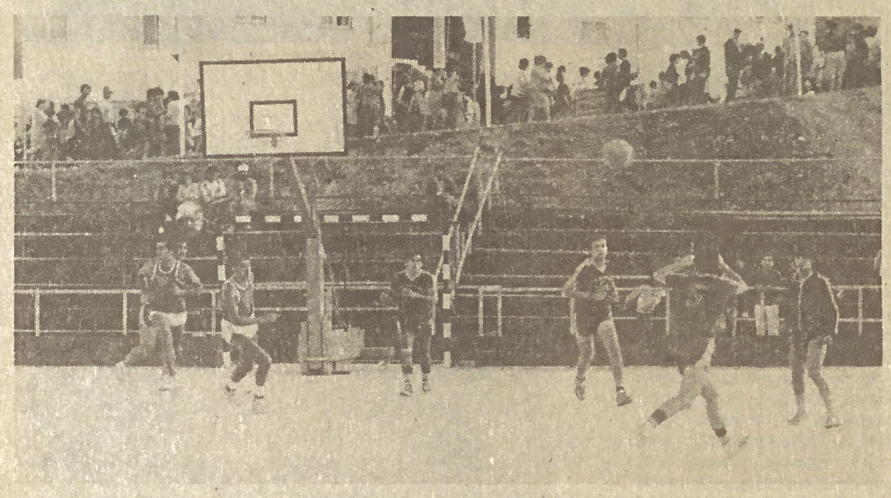
Houve de tudo o que se poderia exigir, desde o grande concerto ao ar livre, passando por extraordinários fenómenos de comunicação de massas e adesão ao grande espectáculo, até ao recolhimento dos auditórios, à explosão da alegria da dança, da canção e do ritmo, circulando livremente por todo o espaço da Festa. Onde cada um, como lhe aprouve, teve a sua festa na companhia de eméritos artistas nacionais e estrangeiros.

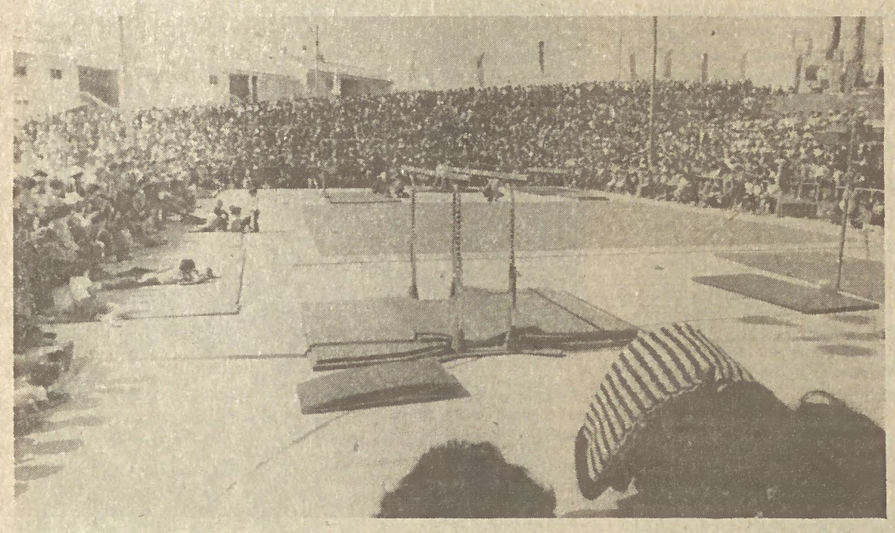
Proletários de todos os países: UNI-VOS! Avante!

Festa do Avante!

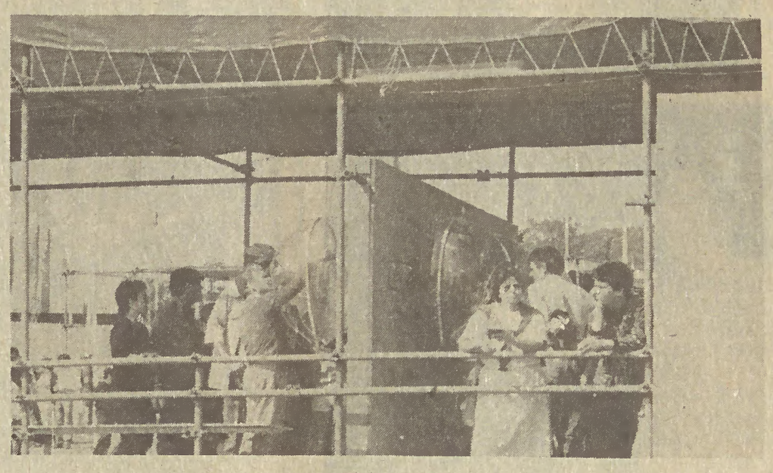
As fotos da Festa

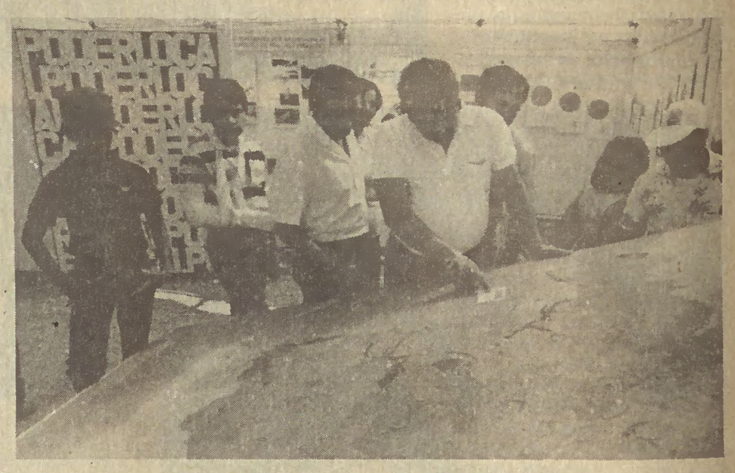






Além dos torneios de futebol de salão, dos dois festivais internacionais de ginástica e das actividades para Pioneiros, o recinto polivalente da Cidade do Desporto foi palco de outras iniciativas durante os três dias da Festa, que constituiram boas jornadas de promoção de várias modalidades, aliando-se ao espectáculo desportivo o objectivo de sensibilização da opinião pública para a prática do Desporto e da Cultura Física como Direito do Povo. Dessas demonstrações, seguidas com vivo interesse pela assistência, destacamos o futebol com deficientes visuais (jogo na primeira noite da Festa, entre equipas da APD e da Associação Luís Braille), o encontro de basquetebol entre uma formação de Lisboa e outra de Setúbal, e ainda as apresentações de ginástica por classes do Montijo, do Sport Sacavenense e da Academia Almadense, de esgrima (Amadora e Venda Nova), judo (Montijo e Pombal). Uma última referência para a participação da escola de Vinha das Pedras na demonstração do tradicional Jogo do Pau, a anteceder o festival internacional de ginástica realizado na manhã do último dia da Festa.





aTV

Isto é taxa ou quota?

Principio a crónica de hoje com uma referência à festa do «Avante!», ou, como o povo diz singelamente, eloquentemente, a **Festa**.

Seria irrealista pensar que, com a actual divisão do bolo-TV, a televisão iria dar as imagens exemplares da grandeza da Festa, da sua repercussão artística, cultural, recreativa, política. Agora com o PS-PSD, ou antes com o PSD-CDS, prossegue a mesma táctica de ignorar a acção do PCP, a fim de servir a estratégia anticomunista imposta pela tripla Reagan--Soares-Mota Pinto...

Para lhes dar uma ideia da degradação a que se chegou na RTP, basta um simples pormenor.

No telejornal de domingo, as palavras dedicadas à Festa foram rigorosamente as seguintes: **«No Alto da Ajuda encerra hoje a festa do «*Avante*» que, durante três dias, reuniu milhares de visitantes. Ao fim da tarde de hoje, o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, proferiu um discurso onde divulgou as posições dos comunistas face à política do Governo»**.

Perguntarão: mas foram **só** estas palavras? Palavra de honra? Têm a minha palavra. Mas quanto a imagens? Com certeza deram imagens, enfim, não seria grande reportagem, mas pelo menos algumas imagens deram...

Não deram, leitores. Não deram. Nem muitas, nem poucas; nenhumas. Nem uma...

Importa que cada português assuma, face à informação produzida na RTP, uma posição activa de protesto. Há que fazer sentir à RTP, pelos mais diversos modos, o nosso descontentamento por esta prática desinformativa. A RTP não é uma entidade privada, é uma empresa estatal. Os portugueses pagam uma empresa que é de **todos**, e não um feudo de dois partidos.

Pagar a taxa da RTP, é uma coisa; pagar a quota para o PSD ou para o PS, é coisa muito diferente...

Malfeitores

Já que estamos em maré de palavras proferidas na Televisão, há que não esquecer a maneira como têm sido noticiados os acontecimentos no Chile. São modelos acabados de manipulação psicológica, cujo único objectivo é diminuir o impacto público da derrota de Pinochet.

Segundo o **Telejornal**, «os confrontos» naquele país «já causaram 40 mortos». Assim, quem matou não foi a polícia de Pinochet, foram os confrontos. Claro, que a culpa é do povo – se o povo se resignasse à miséria e à servidão, é óbvio que não havia mortos...

A propósito de Pinochet nem uma única vez, no Telejornal, se utilizou a palavra «fascista» ou «terrorista». Ei-lo apresentado como um homem que, através de um golpe de Estado, tomou o poder em 1973, com a ajuda da classe média conservadora...

Mas para melhor se ajuizar dos processos informativos da RTP, atente-se neste pedacinho de prosa do telejornal, prosa ainda referente aos acontecimentos no Chile:

«Governo e oposição acusam-se mutuamente de responsabilidades pela violência nas ruas...»

Ou seja: telejornal concede o mesmo grau de credibilidade ao criminoso Pinochet e às forças democráticas do Chile! E quando a polícia de Pinochet mata dezenas de manifestantes, sem que um único polícia apareça nas listas de mortos, o **telejornal** considera legítima a ideia de «acusação mútua». Vai-se ao ponto de divulgar, sem qualquer sugestão de espírito crítico, a opinião do governo de Pinochet, para quem as manifestações são organizadas por «pequenos grupos de malfeitores»...

Os malfeitores? Bem. Esses sabe-se bem onde se encontram. No Chile e em muitos outros países os malfeitores a sério encontram-se por vezes bem instalados. Alguns até se servem da televisão para fazer propaganda antidemocrática...

O essencial e o acessório

É inegável a apetência popular pelos desportos, quer como prática, quer como espectáculo. Infelizmente, entre nós vigora mais o consumo do espectáculo, porque as forças políticas no poder não estão interessadas em ver o desporto assumido plenamente pelo povo.

É grande o espaço concedido ao desporto como espectáculo na televisão. A RTP procura assim uma base social de audiência que, doutro modo, não lhe seria possível.

Sendo condenável esta actividade como factor alienante, será demasiado que os responsáveis pelo desporto lhe acrescentem outros e variados aspectos negativos, como sejam os maus tratos à língua portuguesa, o culto da fofoca desportiva e a divulgação de conceitos tortuosos como por exemplo o de que «o nosso povo é um povo pessimista» e o de que a juventude «gosta muito da velocidade», isto para justificar as contínuas emissões de corridas de automóveis e motociclетas...

Do que na realidade a nossa juventude gosta é de estudar, de trabalhar, de viver em paz. Tudo o mais é acessório. E é o acessório que a RTP explora com mais violência.

Porque, meus amigos, uma das drogas mais poderosas é exactamente – a teledroga.

Iniciativas com Ubilava

• Hoje em Algés

Organizado pela Federação Portuguesa de Xadrez, está a decorrer um conjunto de iniciativas com a participação do Mestre Internacional convidado da Festa do «Avante!», Elizbar Ubilava.

Depois de se ter apresentado na Académica da Amadora, onde realizou uma simultânea com relógio a 10 tabuleiros, o reputado treinador e xadrezista georgiano esteve ontem em Loures e desloca-se hoje ao Clube Atlético de Algés, às 21 horas, para uma simultânea aberta a 25 tabuleiros. Amanhã, à mesma hora, orienta uma palestra sobre técnicas e métodos do treino de xadrez, na sede da Federação Portuguesa da modalidade.

PCP

Delegação do POSH em Portugal

No quadro das relações de amizade, cooperação e solidariedade existentes entre o Partido Comunista Português e o Partido Operário Socialista Húngaro, visitou Portugal de 6 a 10 de Setembro, uma delegação do POSH dirigida por Matyás Szuros, Secretário do CC e que integrava também Attila Gecze, da Secção Internacional.

Nos encontros realizados foram trocadas informações e opiniões sobre a situação nos respectivos países e a actividade dos dois partidos assim como sobre questões de actualidade da situação internacional.

A delegação do POSH foi recebida por Álvaro Cunhal, Secretário Geral do PCP e encontrou-se também com Sérgio Vilarigues, membro da Comissão Política e do Secretariado.

Participou na Festa do «Avante!» que decorreu de 9 a 11 de Setembro e realizou visitas de informação no distrito de Setúbal.

Plenário em Vialonga

A Comissão de Freguesia do PCP de Vialonga (V. Franca de Xira) realiza no próximo sábado, nas instalações do Centro de Trabalho do Partido, um plenário em que serão abordadas questões da vida autárquica e a situação política e social.

O início do plenário está marcado para as 21 horas.

Perdidos e achados

Os visitantes da Festa do «Avante!» que perderam quaisquer objectos no Alto da Ajuda devem dirigir-se ao Centro de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade, 170, Lisboa, a partir de hoje, entre as 10 e as 21 horas.

Entre os objectos encontrados durante os três dias da Festa contam-se carteiras, óculos, passes, porta-chaves, documentos variados, etc.

Gazetilha

por Ignotus Sum

O Soares e o Mota
foram à televisão
e ambos tão-ba-la-lão
lá ficaram na batota
— compadres da reinação
um dueto da derrota.
Quando, no gesto que mata
se desata a carambola,
Mota Pinto grita: **Mata!**
logo o Soares diz: **Esfola!**

Festejam os militares
de Abril, o MFA.
Não quiseram estar lá
nem governo, nem Soares.
Preferem, sabe-se já,
outras gentes, outros ares.
E lá vão pela arreata
do dinheiro que os consola.
— **Abril** – diz o Soares: **Mata!**
Logo o Pinto diz: **Esfola!**

O dueto no fuga esquiva
declara, de alto e bom som,
que este governo é que é bom
e não há alternativa.
Podre de Champallimaud
ri o dente na gengiva.
Pôr os preços em cascata?
Apertar do cinto a mola?
Grita o Mota Pinto: **Mata!**
e logo o Soares: **Esfola!**

Ladrões de tostões e cobres
se a crise provoca dores,
«sofram os trabalhadores»
dizem tais senhores nobres,
distintos provocadores
de reformados e pobres.
E ao erguerem a chibata
contra quem não quer gaiola,
se o Soares grita: **Mata!**
logo diz o Pinto: **Esfola!**

Mas a onda rola, rola,
vai o tempo, pata a pata.
Se, no meio da bravata,
diz o Pinto: **Mata, mata!,**
diz o Soares: **Esfola, esfola,**
— podem dizer à vontade
desejos de meu ladrão:
passarem à realidade
o Povo não deixa, não!

Reforço da amizade e da solidariedade entre os comunistas portugueses e suecos

• Comunicado conjunto

A Convite do Comité Cental do Partido Comunista Português visitou Portugal de 9 a 11 de Setembro uma delegação do Partido da Esquerda-Os Comunistas da Suécia dirigida por Lars Werner, Presidente do Partido e integrado ainda Bo Hammar, Secretário Nacional.

A delegação do PE-CS teve conversações com uma delegação do PCP composta por Álvaro Cunhal, Secretário-Geral, Jorge Araújo, membro do Secretariado e Albano Nunes, membro do Comité Central e responsável da Secção Internacional.

A delegação encontrou-se também com Domingos Abrantes, membro da Comissão Política e do Secretariado e, na Assembleia da República, com Carlos Brito, membro da Comissão Política e Presidente do Grupo Parlamentar do PCP. Participou no programa da Festa do «Avante!», orgão central do PCP com cuja realização a visita coincidiu.

Durante as conversações foram trocadas informações sobre a situação nos dois países e a actividade dos dois Partidos, assim como sobre questões da actualidade do movimento comunista e operário e da situação internacional.

A delegação do PE-CS informou sobre a situação política na Suécia após a vitória eleitoral de 1982 do Partido Social Democrata e do Partido da Esquerda-Os Comunistas da Suécia. Os comunistas suecos lutam por uma via democrática para a saída da actual crise capitalista utilizando a maioria operária no Parlamento para a realização de uma política progressista: O PE-CS procura mobilizar todo o movimento operário sueco contra as forças de direita. O PE-CS apoia os esforços do governo sueco em prol do desarmamento e da paz.

A delegação do PCP informou sobre a situação em Portugal e a luta conduzida pelo Partido com a classe operária e as massas populares para defender os interesses dos trabalhadores e das camadas laboriosas, as conquistas da Revolução de 25 de Abril e o regime democrático que as consagra. Sublinhou que a política do actual governo PS/PSD não só é a continuação como representa um agravamento da política seguida pelos governos reaccionários da «AD» demitidos em consequência da luta popular e que o povo português derrotou nas eleições de 25 de Abril.

Uma tal política, que visa a restauração dos monopólios e dos latifúndios e do domínio do imperialismo, não só não resolverá como agravará todos os problemas económicos, sociais e políticos do país. Informou sobre a política que o PCP propõe aos trabalhadores e ao povo português para vencer a crise, resolver os graves problemas nacionais e alcançar uma alternativa democrática.

As duas delegações expressaram a sua preocupação pelos graves perigos que pesam sobre a paz na Europa, que resultam principalmente da política militarista agressiva conduzida pelo imperialismo norte--americano e os círculos mais reccionários da NATO, orientada para a liquidação dos progressos e êxitos de desanuviamento, para a obtenção da superioridade militar, para a sujeição dos povos que lutam pela sua libertação.

As delegações do PCP e do Partido da Esquerda — Os Comunistas da Suécia, chefiados, respectivamente, por Álvaro Cunhal e Lars Werner, durante as conversações

Expressaram a determinação dos respectivos partidos de continuar a agir, em conjunto com todas as forças progressistas e amantes da paz, em prol do desanuviamento, pelo fim da corrida aos armamentos, pelo desarmamento, pela supressão das armas nucleares e outras armas de destruição massiva. Expressaram em particular a sua firme oposição à instalação na Europa dos novos mísseis nucleares norte--americanos.

Afirmaram também o seu apoio à criação de zonas desnuclearizadas, designadamente no norte da Europa e sublinharam a importância de uma conclusão positiva da Conferência de Madrid e a convocação para Estocolmo da Conferência sobre Desarmamento e medidas de confiança. Puseram em relevo a importância das recentes iniciativas e propostas de desarmamento da União Soviética, em particular em relação às negociações de Genebra.

As duas delegações expressaram a sua solidariedade aos povos em luta pela sua libertação nacional e social, e em particular para com os povos vítimas do imperialismo, do colonialismo e do neocolonialismo, do fascismo e do racismo.

As duas delegações sublinharam a importância da luta pelo progresso social, o socialismo e a paz, do fortalecimento da cooperação e solidariedade do movimento comunista e operário internacional, assim como do reforço da amizade e solidariedade recíproca das grandes forças revolucionárias da época contemporânea: os países socialistas, a classe operária dos países capitalistas, o movimento de libertação nacional, os países progressistas. Sublinharam também a importância do Movimento dos Não Alinhados.

As duas delegações expressaram a sua vontade de continuar a agir para o fortalecimento das relações de amizade e solidariedade recíproca existentes entre o Partido Comunista Português e o Partido da Esquerda-Os Comunistas da Suécia.

35.º aniversário da República Popular Democrática da Coreia

A propósito das comemorações do 35.º aniversário da fundação da República Popular Democrática da Coreia, nas quais o PCP se fez representar por Alda Nogueira, membro do CC, o Comité Central do PCP enviou ao camarada Kim Il Sung, Secretário-Geral do Partido do Trabalho da Coreia e Presidente da RPDC, e ao Comité Central do PTC, uma mensagem em que se expressam «as fraternais saudações dos comunistas portuguesas».

Prossegue a mensagem:

«Na sequência de uma prolongada, dura e heróica luta de libertação nacional contra a ocupação japonesa, a fundação da RPDC em 9 de Setembro de 1948 constituiu um marco histórico na vida do povo coreano e de todos os povos que lutam pela sua emancipação nacional e social».

«Ao longo destes 35 anos o povo coreano, sob a direcção do Partido do Trabalho da Coreia, contando com o apoio dos países socialsitas e a solidariedade de todas as forças progressistas e amantes da paz, alcançou grandes sucessos na edificação do socialismo na parte norte da Coreia onde criou um sólido bastião para o prosseguimento da sua luta pela completa libertação da pátria coreana do jugo imperialista. Num período historicamente muito curto o povo coreano venceu o atraso secular em que a opressão e a exploração colonial o haviam mergulhado, as condições de vida material e cultural do povo modificaram-se radicalmente, a RPDC transformou-se num estado socialista com uma indústria moderna e uma agricultura avançada, confirmando na prática a imensa superioridade do socialismo sobre o capitalismo».

«As celebrações do 35.º aniversário da RPDC realizam-se num momento em que o imperialismo norte-americano, que ocupa militarmente e impõe um regime fascista títere na parte sul do vosso país, intenta novas manobras visando perpetuar a divisão da Coreia, intensifica a repressão contra os trabalhadores, os democratas e o povo da zona ocupada; reforça a sua presença militar e tenta forjar a aliança agressiva tripartida EUA-Coreia do Sul--Japão, multiplica as ameaças e provocações armadas contra a RPDC, pondo em perigo a paz na Coreia, no Extremo Oriente e no Mundo. Condenando e denunciando firmemente uma tal política, o PCP reafirma uma vez mais a sua activa solidariedade para com a luta do povo coreano pela reunificação independente e pacífica da sua pátria, pelo desmantelamento das bases dos EUA no sul da Coreia e o fim da intervenção imperialista nos assuntos internos do povo coreano. O PCP solidariza-se em particular com a heróica luta dos patriotas no sul da Coreia contra o fascismo e pela liberdade».

«A transformação da Coreia do Sul numa base de agressão imperialista e os preparativos de guerra contra a RPDC, são parte integrante da política militarista agressiva conduzida pelo imperialismo norte-americano e os círculos mais reaccionários da NATO a qual constitui uma enorme ameaça para a liberdade e a independência dos povos e para a paz mundial».

«As raízes desta política encontram-se na própria natureza do imperialismo, na crise profunda em que se debate o sistema capitalista, nas tentativas desesperadas do imperialismo, e em primeiro lugar da Administração Reagan, para tentar deter e se possível inverter o curso irreversível do processo revolucionário e impor ao mundo a sua hegemonia».

«O imperialismo não está porém em condições de impor a sua vontade. Não obstante o desenvolvimento irregular do processo revolucionário, alarga-se e reforça-se o campo dos países socialistas, intensifica-se a luta da classe operária dos países capitalistas, o movimento de libertação nacional e social dos povos da África, Ásia e América Latina regista vitórias históricas. A própria luta do povo coreano e a realidade da RPDC é uma comprovação desta verdade».

«Mas os perigos de guerra são reais. Para derrotar os projectos agressivos do imperialismo e defender a paz, o PCP considera de fundamental importância o reforço da unidade do movimento comunista internacional e o fortalecimento da amizade e solidariedade recíproca de todas as forças revolucionárias e anti-imperialistas».

A terminar, diz a saudação do CC do PCP:

«Reiterando-vos os nossos votos dos maiores sucessos na construção do socialismo na RPDC e à luta pela reunificação da pátria coreana, expressamo-vos a nossa vontade de continuar a agir para o reforço das relações de amizade e solidariedade entre os nossos dois Partidos com base no marxismo-leninismo e no internacionalismo proletário, no interesse dos nossos dois povos e países e da causa comum do progresso social, do socialismo e da paz».

25.º aniversário da Revista Internacional

A fim de representar o Partido Comunista Português no acto comemorativo do 25.º aniversário da fundação da Revista Internacional «Problemas da Paz e do Socialismo», encontra-se em Praga Carlos Aboim Inglês, membro do Comité Central do PCP.

Entretanto, o Comité Central do PCP enviou ao Conselho de Redacção da Revista uma saudação em que se afirma:

O Comité Central do Partido Comunista Português saúda fraternalmente o 25.º Aniversário da fundação da Revista Internacional e, através do seu Conselho de Redacção, todos os partidos irmãos nela representados.

A Revista Internacional tem sido ao longo da sua existência um valioso instrumento de divulgação da acção prática e do trabalho teórico dos partidos comunistas e operários e de todas as forças revolucionárias. As sua páginas reflectem amplamente as lutas dos trabalhadores e dos povos de todos os continentes pela democracia, a independência nacional, o progresso social, o socialismo e o comunismo. Ela contribui de forma positiva para o necessário intercâmbio de experiências e pontos de vista e para o enriquecimento do marxismo-leninismo.

Pelo seu persistente labor na divulgação das vitórias do movimento comunista e revolucionário mundial, em defesa da paz, no combate à política militarista agressiva do imperialismo e de solidariedade para com os povos que combatem o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo, o fascismo e o racismo, a Revista Internacional adquiriu um prestígio que é justo realçar.

O Partido Comunista Português actuará para que a Revista Internacional, de acordo com os princípios básicos que norteiam o seu funcionamento, dê uma contribuição sempre maior para o reforço da unidade do movimento comunista internacional, para o fortalecimento da amizade e solidariedade recíproca das grandes forças revolucionárias da época contemporânea.

Fazendo votos para que a Revista Internacional alcance os maiores êxitos na sua actividade futura, o PCP uma vez mais manifesta a sua vontade de contribuir para o fortalecimento do seu elevado papel ao serviço dos interesses e ideais da classe operária e das massas populares, ao serviço da causa da paz, do progresso social e do socialismo.

Proletários de todos os países: UNI-VOS! Avante!

Internacional

Cidade Internacional

Uma festa de trabalhadores é sempre de paz

«OLP ausente governo PS/PSD negou a sua entrada». O placard via-se bem, logo à entrada da Cidade Internacional. A lembrar-nos essa inter-dependência entre o que por cá se passa e a realidade vivida por outros povos e países, o peso relativo de cada batalha, a nível nacional como internacional, no clima e nas relações no plano mundial.

Bem perto do placard de denúncia da posição assumida pelo governo português, um novo pavilhão: a presença marcante da acção popular, em Portugal, pela Paz, inserindo-se no mais amplo movimento que ganha crescente dimensão por todo o mundo.

AS marchas da Paz, em Portugal, lado a lado com a denúncia da criminosa guerra imposta ao povo libanês ou ainda as fotografias revelando um pouco do holocausto local que foi Hiroshima e Nagasaki.

Um milhão de dólares por minuto são gastos hoje em armamentos. Para as «pequenas» guerras, para as manobras militares (como junto às águas territoriais da Nicarágua), para os planos meticulosos de uma outra guerra mundial. E as responsabilidades são iniludíveis. Face aos esquemas, muito claros, referentes à iniciativa na corrida aos armamentos. E em particular neste ano crucial em que se planeia, e activamente se prepara, a instalação dos novos mísseis nucleares norte-americanos na Europa.

Gente que pára a discutir. «Foram sempre **eles** que começaram». Ninguém precisa explicar quem são **eles**. «E agora querem também Beja».

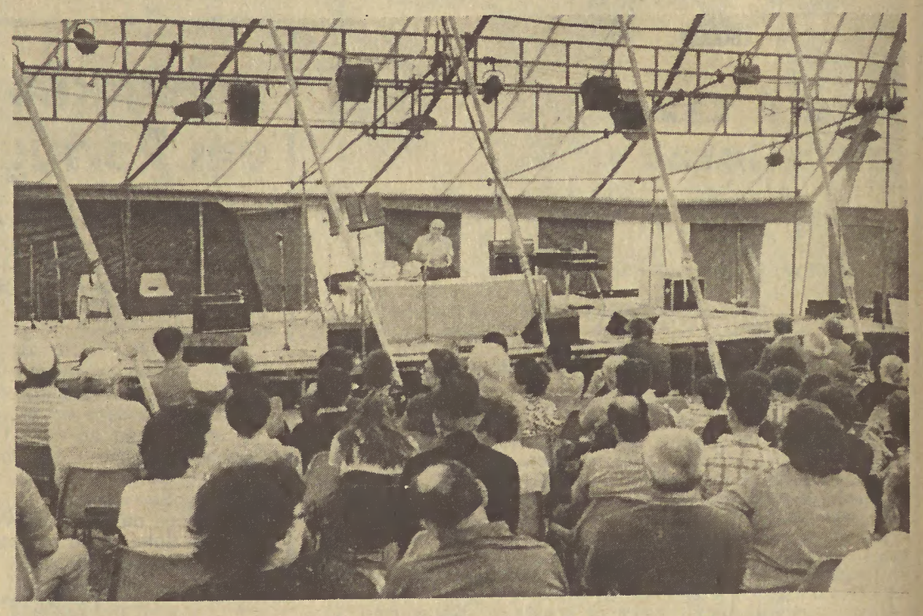
Gente que pára e discute um pouco por todo este «mundo» em miniatura. Que quer saber e compreender. «Dizem que não há liberdade religiosa, mas é mentira, vêem?», é um comentário que se ouve de passagem no stand do «Pravda», onde pequenos grupos escutam atentamente a gravação que passa com as palavras de Andrópov, avançando as novas propostas de paz da União Soviética. Na fome de saber, pequenas multidões esperam pacientemente vez no balcão onde se distribuem livros sobre a realidade soviética, como de outros países socialistas, os grandes problemas internacionais.

A Cidade Internacional é desigual. Por esta ou aquela razão, nem todos os stands têm o mesmo nível de actividade e de apresentação actual de realidades e problemas. Mas onde a vida esta bem presente, onde o retrato da realidade surge de forma mais sugestiva, e ainda quando a solidariedade se impõe como tónica, o movimento e a concentração de sempre novas pessoas é ininterrupto. No stand da Polónia repetem-se perguntas – preocupadas, esperançosas, solidárias. A esfera de vidro dos fundos para o Chile, enche-se, como os abaixo-assinados de solidariedade com o povo chileno.

Tudo isto é a Festa, com a alegria, a música, a lembrança que todos querem levar. Essa troca de cultura entre povos diferentes. «Vamos para a RDA, que eles têm música muito boa». Mais uns passos, e estamos no «espaço musical» cabo-verdiano, ou tocam os violinos, interpretando música cigana húngara. E há ainda a «corrida» à lagosta de Cabo Verde, ao café angolano, às belas túnicas búlgaras.

Varsóvia – 2.ª Guerra Mundial – 85 por cento de destruições. Um número terrível a lembrar que há poucos dias se comemorou o aniversário do início da última grande guerra. Um facto mais entre os muitos outros que marcam a presença da vontade e da batalha da paz em toda a Festa. No stand que lhe foi destinado, como na forma de apresentação da realidade checa, com relevo particular para a Assembleia pela Paz e a Vida, realizada este ano em Praga. Na verdade em praticamente todos os stands. E ainda com a Ronda da Paz que, partindo da Cidade Internacional, iria percorrer os arruamentos da Festa até ao sector da Juventude, onde as aspirações de paz da jovem geração estão bem marcadas. E ainda nos Pioneiros. No pavilhão dos Açores. Na vasta área que representa o Alentejo.

Por outro lado está bem claro. Em Portugal não queremos a base das Lajes, nem a de Beja, nem a presença sistemática de submarinos nucleares no Tejo. Como não queremos o Líbano bombardeado, os massacres em El Salvador, os mortos pela repressão no Chile, no Uruguai, na Turquia. Uma base de entendimento entre todos os povos. Uma marcha dominante na nossa Festa, porque **de Paz é sempre uma festa de trabalhadores.**



Uma «tarefa inadiável»

«Para nos situarmos melhor na grande arena de luta do novo contra o velho, pela liberdade e a democracia, pelo progresso social e a Paz, que é o mundo em que vivemos, importa estudar e analisar qual é a situação geral desse mundo» — esta a razão de ser do colóquio realizado no âmbito da Festa, no Auditório 1.º de Maio, sobre a situação internacional, a luta pela paz, a nossa participação nessa batalha, pelo camarada Sérgio Vilarigues, membro do Secretariado e da Comissão Política do CC do PCP.

«Tarefa importante que se insere na batalha ideológica que se desenrola, e de que maneira, à escala mundial, entre as forças reaccionárias, imperialistas, de um lado, e as forças do progresso, do socialismo, do outro lado.» Uma clara perspectiva de classe, única forma de compreender de facto os acontecimentos da nossa época, e assim melhor contribuir para a sua transformação.

«Em Outubro de 1917 começou uma nova época histórica. O socialismo triunfou num só país». Partindo deste salto qualitativo na História da Humanidade, o camarada Sérgio Vilarigues traçou o quadro dos progressos registados, para chegar à complexidade da situação internacional actual, caracterizada por importantes lutas em todos os continentes, pela liberdade, o progresso e a paz.

Batalha difícil. **«O velho caduco e retrógrado nunca cedeu de vontade própria ao novo e progressivo, opôs sempre a violência para manter os seus privilégios de classe. Assim se comporta o imperialismo à escala mundial, o que aliás é da sua própria essência.»**

E assim temos a guerra-fria, a chantagem atómica, uma sucessão de guerras em cadeia, a «ameaça soviética», a rede de bases militares norte-americanos por todo o mundo — em que estacionam 65% das suas FFAA — as intervenções militares, abertas ou indirectas. E os planos para colocação, ainda este ano, de novos mísseis norte-americanos na Europa.

Abordando a situação em relação a **Portugal**, o camarada Sérgio Vilarigues denuncia a política governamental de subserviência em relação aos Estados Unidos, realçando por outro lado a importância do movimento da Paz, que se tem vindo a reforçar.

Sérgio Vilarigues destaca seguidamente as contradições no seio do imperialismo e a crise do sistema, os seus custos para os trabalhadores dos países capitalistas desenvolvidos e para os povos dos países subdesenvolvidos.

«Mas a crise não é global como os propagandistas do capitalismo procuram fazer crer para desacreditar o socialismo. Este desenvolve-se enfrentando-se com dificuldades impostas pelos novos problemas do crescimento e pela acção do imperialismo e sua política de guerra, mas desenvolve-se progressivamente».

Na dureza da batalha de classes que hoje se desenvolve — **«No momento presente a luta é tremenda e perigosíssima» — «a intensificação da luta pela defesa da Paz, pelo desarmamento e a multiplicação das iniciativas que conduzam a esse objectivo é uma tarefa inadiável das largas massas populares e dos povos».**

Solidariedade activa

Solidariedade foi a palavra que os homens inventaram para definir esse sentimento profundo e belo capaz de ligar os povos de todo o mundo. Tem um sabor a sol, a risos de crianças, a pão quente, a mãos que se entrelaçam com amor, a todas as coisas boas da vida.

Solidariedade é qualquer coisa que faz parte de nós, os comunistas, de todos os que comungam os ideais de paz e de justiça. Nas nossas casas tem sempre um lugar de honra. Na Festa, a casa, a cidade, o país que inventámos por três dias, a solidariedade teve uma presença viva e actuante expressando-se das mais variadas formas.

Os actos de solidariedade para com o povo Palestiniano e os povos em luta da América Latina e África Austral efectuados no Forum foram uma dessas expressões mas de modo algum as únicas. Para dar conta de todas elas teria de passar-se a pente fino cada minuto e cada recanto da Festa, tarefa sem dúvida interessante mas manifestamente impossível. Fiquemo-nos pelos primeiros e tomemo-los como um exemplo.

● **Palestina** – Na sexta-feira um lugar ficou vazio no Forum; o lugar que deveria ser ocupado pelo representante da OLP, a única e legítima organização representativa do povo palestiniano. Uma ausência que ficou a dever-se por inteiro ao governo PS/PSD que recusou o visto de entrada ao camarada palestiniano que na passada quinta-feira à tarde chegou ao aeroporto de Lisboa. Aeroporto onde ficou retido durante 48 horas e donde voltou a partir para Praga quando finalmente a resposta oficial ao pedido de visto foi dada com uma negativa.

A denúncia dos acontecimentos feita pelos camaradas presentes Domingos Lopes e Ribeiro Cardoso calou fundo nas muitas pessoas presentes ao acto de solidariedade. E foi com indignação que se recordou o crime cometido contra outro representante da OLP, em Montechoro, por terroristas que não tiveram qualquer dificuldade em entrar no país.

Com mágoa e indignação se falou dos palestinianos mortos em Roma, Paris, Israel e um pouco por todo o lado, numa tentativa de extermínio de um povo que luta pelo seu mais que legítimo direito de regressar à pátria de que foi expulso pelos sionistas, ponta de lança do imperialismo no Médio Oriente.

Os aplausos que acolheram a «Ideia Fixa» – peça musical que Vitorino de Almeida dedicou ao povo palestiniano – foram uma forma de afirmar àquele povo irmão que não estão sozinhos.

● **Angola e Moçambique** – As relações seculares dos portugueses com os povos da África Austral criaram laços que nem a colonização fascista conseguiu romper. Em comum temos com Angola e Moçambique, assim como com a Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe muito mais do que a Língua Portuguesa: uma luta comum contra um inimigo comum – o fascismo e o imperialismo.

Testemunho desses laços o acto simbólico de solidariedade que através dos representantes de Angola e Moçambique se expressou aos povos em luta na África Austral.

Uma solidariedade tanto mais necessária quanto como salientou o camarada Luís Filipe da Frelimo, Moçambique atravessa uma grave crise provocada pelas ameaças e provocações da África do Sul. À luta contra o gendarme norte-americano no continente africano, o regime racista e de *apartheid* de Pretória, junta-se também a batalha de um povo recém-libertado do colonialismo contra o subdesenvolvimento.

As nossas necessidades, disse Luís Filipe, estão agora agravadas com os problemas levantados pela seca e todo o auxílio que puder ser prestado será bem-vindo.

Mais grave é porém a situação de Angola, denunciada pelo camarada Adelino Almeida do MPLA – Partido do Trabalho. Potencialmente um país rico, cobiçado desde sempre pelo imperialismo, Angola tornou-se duplamente alvo das forças reaccionáris após a independência e a proclamação dos seus ideais socialistas.

Invadida em 1981 pelas tropas racistas da África do Sul, Angola luta diariamente contra os grupos fantoches armados por Pretória que procura por todos os meios dar à opinião pública internacional a ilusão de um levantamento nacional do povo angolano contra os seus legítimos representantes.

Mas como Adelino Almeida sublinhou as acções de vandalismo, banditismo e a situação de guerra não declarada em que se vive não bastam para fazer inverter o curso da revolução. O apoio e a solidariedade internacional são armas que nunca deixaram de estar ao lado do povo angolano e que hoje se tornaram mais preciosas do que nunca.

Em Portugal, na Festa do «Avante!», os comunistas e outros democratas portugueses mostraram bem a disposição de continuar a dar o seu contributo para que uma vez mais o imperialismo, o racismo e o fascismo sejam vencidos.

● **América Latina** – Se os mortos significam o preço da liberdade do nosso povo, pagaremos esse preço! São palavras de Nestor Vasquez, camarada do Partido Comunista do Chile, proferidas domingo à noite no Forum perante numerosa assistência. Era o acto de solidariedade com os povos da América Latina, dez anos depois do derrube do governo de Unidade Popular de Salvador Allende. Justamente quando no Chile o povo enfrenta uma vez mais na rua as forças da ditadura e escreve com sangue o seu direito à liberdade, repudiando os que falam de diálogo com o ditador.

Dez anos depois do golpe fascista, disse Nestor Vasquez, formou-se no Chile o Movimento Democrático Popular, frente unida da esquerda chilena em luta contra a ditadura e Pinochet.

Os mortos não impedem que no Chile o medo tenha acabado, como afirma «El Siglo», orgão do PCC distribuído na Festa, e o confirmam as palavras do camarada Vasquez ao anunciar que milhares de chilenos prestaram homenagem nos últimos dias ao túmulo de Allende. E também as batalhas que se travam nos bairros pobres de Santiago, as jornadas de protesto nacional, o clamor crescente dos heróis anónimos que todos os dias 11 de todos os meses saem às ruas e praças do Chile clamando liberdade.

Uma liberdade que já não estará longe, nem no Chile nem em El Salvador, como disse o camarada Mário Ruiz, da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional, não por excessivo optimismo mas porque as condições objectivas para tal apontam.

Estamos às portas da vitória, afirmou, após salientar que a luta armada foi o único caminho que a ditadura salvadorenha lhes deixou aberto e de recordar uma vez mais que o que está em causa não é como a administração Reagan pretende um conflito do ocidente com o leste mas sim a luta de um povo contra o fascismo.

Destacando de novo a importância da solidariedade, Mário Ruiz alertou para o perigo real de uma intervenção em força das tropas norte-americanas em El Salvador. Há que estar atentos, disse, pois a expressão da solidariedade internacional pode evitar esse perigo ou minorá-lo e contribuir para o derrotar se chegar a concretizar-se.

E atentos também às manobras demagógicas dos EUA que ao aceitarem finalmente dialogar com a FMLN pretendem assumir a posição de medianeiros, quando na verdade são parte directamente envolvida e responsável da situação que se vive em El Salvador. Ouvir, criticar, dismistificar são meios de solidariedade importantes que não podem ser esquecidos.

Apoiar a luta dos povos da América Latina é condenar o fascismo e a política de Reagan, o belicismo e a ingerência, lembrou a camarada Manuela Bernardino da Secção Internacional, ao referir a situação dos povos da Guatemala, Honduras, Uruguai e tantos outros vítimas do mesmo inimigo. Recordou-o também a delegação de camaradas do Uruguai presente na Festa, em mensagem ao «Avante!», onde lembram os mais de mil presos políticos no seu país.

Ser solidário é um dever de todos os democratas. A solidariedade esteve presente na Festa do «Avante!». Compete a todos torná-la uma constante da nossa própria luta contra o imperialismo e pela defesa da democracia.

Delegações estrangeiras

Estiveram entre nós, este ano, na Festa do «Avante!», numa demonstração de solidariedade internacionalista, delegações vindas dos seguintes países:

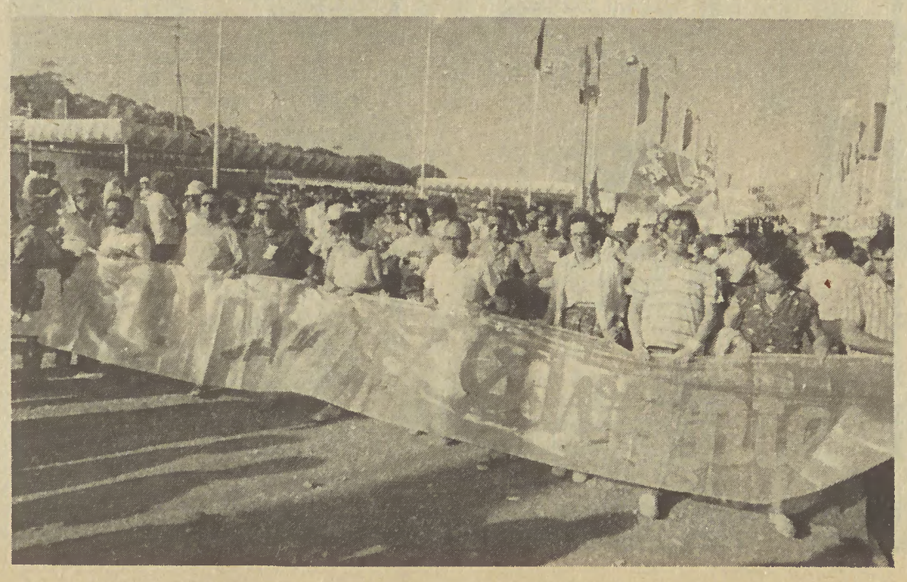
- Afeganistão (PDPA)
- RDA («Neus Deutchland»)
- Angola (MPLA – Partido do Trabalho)
- RFA («Unsere Zeit»)
- Argélia (Partido FLN)
- Argentina (Partido Comunista)
- Berlim-Oeste («Die Wahrheit»)
- Brasil (Partido Comunista)
- Bulgária («Rabotnichnes Delo»)
- Cabo Verde (PAICV)
- Checoslováquia («Rude Pravo»)
- Chile (Partido Comunista)
- RDP Coreia («Rodong Sinmun»)
- Cuba («Gramna»)
- Espanha (PCE – «Mundo Obrero»)
- Etiópia («Serto Ader»)
- França («Humanité»)
- Grécia («Rizospastis»)
- Guiné-Bissau (PAIGC)
- Hungria («Nepszabadsag»)
- Itália («Unitá»)
- Japão («Akahata»)
- Líbano (Partido Comunista)
- Jugoslávia («Komunist»)
- Moçambique (Partido Frelimo)
- Mongólia («Unen»)
- Polónia («Tribuna Ludu»)
- Roménia («Scinteia»)
- S. Tomé e Príncipe (MLSTP)
- Sahara Ocidental (Frente Polisário)
- El Salvador (FDR/FMLN)
- Suécia (PE – Comunistas da Suécia)
- Timor-Leste (Fretilin)
- Uruguai (Partido Comunista)
- URSS («Pravda»)
- Vietnam («Nahn Dan»)

Como já foi denunciado e referimos noutros locais desta edição, as delegações da OLP e da Revista Internacional foram impedidas de entrar no nosso país.

Ronda da Paz
Manifestação simbólica dentro da Festa

«Olha, as bandeiras a bater palmas!» – o miúdo esticava o dedo para as bandeiras batidas pelo vento, na Cidade Internacional. Uma das muitas crianças que participaram e encabeçaram a Ronda pela Paz. Com o seu sol de muitas fitas, narizes de palhaço e bochechas pintadas, e as simbólicas pombas. «Queremos Paz». Uma camarada, activista do movimento pela paz em Portugal, segredava-me – «também já trabalhei com os pioneiros, e tenho saudades!». Mas sem dúvida a luta pela Paz é também uma batalha das crianças e, sobretudo, pelas crianças. Por isso a sua presença ali, desde os pioneiros, organizados, aos miuditos para quem a ronda foi a continuação da inesquecível festa da Cidade dos Pioneiros.

A concentração realizou-se, à hora prevista, no Pavilhão da Paz. A Ronda arrancou pela Festa, com representações de Lisboa à cabeça e integrando dos bombos aos grupos folclóricos, das crianças às representações das várias regiões do país. Uma presença mais vincada da vontade de Paz numa Festa que toda ela é expressão de Paz e solidariedade. Gente alinhada à passagem de uma coluna que ia engrossando. Os aplausos, em particular para as crianças. O Apelo entretanto distribuído – «Não aos mísseis na Europa! Pela independência nacional, pela Paz, não às armas nucleares em Portugal! Paz, trabalho, pão! Armas nucleares não!».



O mesmo Apelo repetido nas inscrições nos panos – «Dêem liberdade à Paz!».

Domingo, no comício, esta íntima ligação entre paz e liberdade – batalha comum – viria a ser destacada. Também então seria distribuído um muito concreto Apelo à acção, à participação de todos nós nas marchas da Paz que em Portugal, como em muitos outros países se realizarão já neste mês de Outubro, dia 29.

Frente ao Palco da Juventude, os panos são enrolados. Os altofalantes ferem-nos os ouvidos com o grito de paz que nenhuma criança quer deixar de exprimir, à sua maneira.

Encerrando a Ronda, o camarada José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, pronuncia uma curta intervenção em que começa por destacar a Ronda da Paz como um acto simbólico, uma forma de mais íntima ligação da Festa à luta dos povos pela Paz. Referindo a importância de negociações como a de Genebra, o camarada Vitoriano alertou para os perigos de uma guerra, que seria nuclear e, como tal, se saldaria por um holocausto. E ainda para a corrida aos armamentos que tem vindo a ser prosseguida pelo imperialismo, também no domínio das armas químicas, da bomba de neutrões, do armamento estratégico. Na sua intervenção José Vitoriano denunciou igualmente a posição do governo português, de submissão ao imperialismo.

Factos que viriam a ser destacados de forma aprofundada no Comício de domingo, em que a luta para **«salvar Portugal da dependência e da guerra»** foi apontada como um dos objectivos principais da acção de massas contra a política do governo PS/PSD.